

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS**

WILSON TEIXEIRA MÁXIMO FILHO

**ARTE-EDUCAÇÃO: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO
URBANA**

**UBERLÂNDIA/MG
2017**

WILSON TEIXEIRA MÁXIMO FILHO

**ARTE-EDUCAÇÃO: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO
URBANA**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, conforme exigência para a conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de Melo

**UBERLÂNDIA/MG
2017**

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Roberta Maira Melo, orientadora, braço amigo de todas as etapas deste trabalho.

Aos outros professores da banca: Elsieni Coelho, Marco Pasqualini de Andrade e Raquel Mello Salimeno de Sa pelo grande apoio.

A minha família, pela confiança e motivação.

Aos amigos e colegas, pela força e pela vibração em relação a esta jornada.

Aos professores e colegas de Curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

A todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa propõe a intervenção artística não somente como uma ferramenta de ensino, mas também como formadora de opinião e senso crítico, gerando como consequência, a atuação do aluno no espaço, de modo que ele consiga modifica-lo a partir do contexto urbano e sua realidade atual e social. Propõe também um meio de despersonalizar o modelo tradicional de ensino artístico ainda existente dentro de algumas das instituições de ensino e mostrar aos alunos o significado da intervenção dentro do campo da arte, utilizando como referência artistas que desenvolveram ou desenvolvem essa prática dentro do espaço urbano.

Buscou-se responder: como trabalhar a intervenção artística no contexto escolar levando em consideração a atual realidade das escolas?

A pesquisa em questão, evidenciará como o autor buscou alcançar seus objetivos e responder suas próprias perguntas através da inserção da arte como intervenção e parte do contexto escolar dos seus próprios alunos de duas turmas do 9º ano do ensino básico.

Palavras chave: Educação; Intervenção artística; Senso crítico;

ABSTRACT

The present research proposes the artistic intervention not only as a teaching tool, but also as a form of opinion and critical sense, generating as a consequence, the student's performance in the space, so that he can modify it from the urban context and its current and social reality. It also proposes a means of depersonalizing the traditional model of artistic education still existing within some of the educational institutions and showing the students the meaning of the intervention within the field of art, using as a reference artists who developed or developed this practice within the urban space.

It was tried to answer: how to work the artistic intervention in the school context taking into account the current reality of the schools?

The research in question will show how the author sought to reach his goals and answer his own questions through the insertion of art as an intervention and part of the school context of his own students of two classes of the 9th grade of basic education.

Keywords: Education; Artistic intervention; Critical sense;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fonte: < https://f5dahistoria.wordpress.com/2010/08/20/as-principais-mudancas-culturais-no-pos-guerra-os-jovens-dos-anos-1960-70/ >.....	15
Figura 2: Fonte: < https://www.pinterest.com/pin/349310514824683159/ >.....	15
Figura 3: Fonte: < http://culturaesemprebom.webnode.com.br/movimento-hippie/ >..	15
Figura 4: Fonte: < https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/04/17/pelos-muros-da-ditadura-acoes-de-resistencia-a-ditadura/ >.....	16
Figura 5: Fonte: < http://blogdocappacete.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html >.....	16
Figura 6: Fonte: < www.rebeliao.org >.....	17
Figura 7: Fonte: < http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/ >.....	18
Figura 8: Fonte: < http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/ >.....	18
Figura 9: Fonte: < http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/ >.....	19
Figura 10: Alunos no laboratório de informática aula 1.....	33
Figura 11: Exposição do vídeo: Ninguém nasce racista – CRIANÇA ESPERANÇA.....	34
Figura 12: Alunos envolvidos em uma dinâmica em grupo.....	35
Figura 13: Desenhos confeccionados pelos alunos durante a dinâmica.....	36
Figura 14: Alunos realizando e participando da intervenção com máscaras.....	38
Figura 15: Grafite localizado na quadra de esportes da escola.....	39
Figura 16: Intervenção urbana "liberte seus sonhos" por Gabriele Valente Feliz.....	41
Figura 17: Muro escolhido pelos alunos para a realização do trabalho.....	42
Figura 18: imagem do vídeo “De bairro em bairro” com Karen “kueia” sendo mostrado aos alunos.....	43
Figura 19: Alunos explorando a técnica do estêncil.....	45
Figura 20: Fase de preparo para a impressão do estêncil.....	45
Figura 21: Estêncil fixado e pronto para impressão.....	46
Figura 22: Alunos na manipulação dos pigmentos.....	46
Figura 23: Alunos realizando a impressão no muro através do estêncil e das tintas.	47
Figura 24: Alunos realizando a impressão no muro através do estêncil e das tintas.	48
Figura 25: Alunos realizando o acabamento das impressões.....	49

Figura 26: Alunos realizando o acabamento das impressões.	49
Figura 27: Aluna escrevendo o título da intervenção.	50
Figura 28: Público se interagindo com a intervenção.	51
Figura 29: Registros realizados pela participação do público.	51
Figura 30: Imagem da intervenção "Amorifique-se"	52
Figura 31: Palco localizado no pátio da escola.	53
Figura 32: Alunos confeccionando materiais para a intervenção.	54
Figura 33: Alunos confeccionando materiais para a intervenção.	55
Figura 34: Aluna confeccionando parte do material para a intervenção.	55
Figura 35: Aluna confeccionando parte do material para a intervenção.	56
Figura 36: Aluno(a) desenvolvendo parte do material para a intervenção.	56
Figura 37: Aluna realizando registros em parte do material desenvolvido para a intervenção.	57
Figura 38: Alunos agregando mais materiais para a intervenção.	58
Figura 39: Aluna contribuindo com a montagem da intervenção.	58
Figura 40: Alunos fixando painel para a intervenção.	59
Figura 41: Alunos fixando frases no cenário da intervenção.	59
Figura 42: Público se relacionando com a intervenção.	60
Figura 43: Painel com registros realizados pelo público participante.	60
Figura 44: Aluna explicando sobre a intervenção ocorrida e promovendo conscientização dentro das salas de aula.	61
Figura 45: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	69
Figura 46: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	70
Figura 47: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	70
Figura 48: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	71
Figura 49: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	72
Figura 50: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	72
Figura 51: https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIlangK58	73
Figura 52: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	74
Figura 53: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	75
Figura 54: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	76
Figura 55: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	76
Figura 56: Figura https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	77
Figura 57: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	77

Figura 58: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	78
Figura 59: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	79
Figura 60: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	79
Figura 61: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	80
Figura 62: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	80
Figura 63: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	81
Figura 64: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	82
Figura 65: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	83
Figura 66: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	83
Figura 67: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	84
Figura 68: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	84
Figura 69: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	85
Figura 70: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	85
Figura 71: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	86
Figura 72: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	86
Figura 73: https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	87
Figura 74: Figura https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS – BREVE RECORTE HISTÓRICO.....	12
3. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE NO PROCESSO HISTÓRICO.....	20
4. RELATO E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO.....	32
5. AVALIAÇÃO.....	62
6. CONCLUSÃO.....	66
7. BIBLIOGRAFIA.....	67
ANEXO I.....	69
ANEXO II.....	74
ANEXO III.....	88

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo o ensino na escola foi marcado pelo sistema tradicional. Neste contexto histórico, o educando se caracterizou por ser um indivíduo totalmente passivo em relação aos conteúdos expostos pela metodologia autoritária.

Com o passar do tempo, as metodologias de ensino foram se modificando. Hoje os alunos possuem voz ativa quanto a posicionamentos de ideias, reflexões e críticas, sendo o professor apenas um mediador entre conteúdo e aprendiz. Se tratando do ensino em arte dentro da contemporaneidade, podemos observar diversas abordagens educacionais que variam de professor para professor e de instituição para instituição. Lembro-me de quando pequeno, na escola participava assiduamente de todas as aulas de arte e ficava muito atento aos materiais propostos para a realização da atividade. No início, com imaturidade tamanha, me deslumbrava com as cores, os papéis, as tintas e com todas as formas alternativas que possibilitavam a produção da arte, mesmo que eu não entendesse e não me importasse com o objetivo final da atividade. Na verdade, analisando hoje, nem mesmo sabia se realmente havia qualquer método vindo pelo professor por de trás daquelas propostas, porém mesmo sem entender nada, o manuseio de materiais e o resultado estético era o bastante para mim e quem sabe até mesmo para o educador.

Durante minha formação no ensino fundamental e médio, presenciei e participei de inúmeras aulas de arte, das quais posso hoje reavaliá-las com olhar crítico de um futuro licenciando em artes visuais. Avaliando essas variadas formas de conteúdo e aprendizagem, aqui nesta pesquisa, o desejo é propor uma abordagem educacional que rompa com todos os resquícios do sistema rígido entre professor, conteúdo e aluno.

Já no meu percurso na graduação, pude experimentar inúmeras técnicas e conhecer diversas práticas de produções artísticas. Em especial, lembro-me das aulas teóricas de arte contemporânea e a forma com a qual os artistas demonstravam novos meios de fazer e discutir arte. Logo depois, passei por um período, em que me direcionei integralmente para a licenciatura. Desde então, fui à busca de unir abordagens metodológicas com práticas educativas. Mais tarde, no estágio de observação, o meu foco estava no modo de como o professor conduzia

as aulas juntamente com suas ferramentas de ensino. Foi quando percebi que a minha vontade como futuro educador não estava dentro da sala de aula, mas sim do lado de fora. Desde ali, nasceu o desejo de levar os alunos para o lado externo da sala de aula, com o princípio de mediar a aprendizagem através da intervenção artística e provocar interferências no dia a dia de quem transita pelos espaços da escola, de modo que os alunos sejam tomados pelo desenvolvimento crítico, e explorem um meio alternativo de fazer e levar a arte para o público de dentro da instituição.

Contudo, o início da pesquisa se deu pela busca bibliográfica de artigos no Google acadêmico sobre a abordagem escolhida. O tema não foi dado antes de tudo, pois primeiramente foi necessário dar corpo ao projeto para que o tema surgisse de acordo com o desenvolvimento do conteúdo.

Foram indicados alguns referenciais teóricos pela orientadora, dos quais eu li e realizei fichamentos juntamente com os outros que eu já havia coletado na internet e na biblioteca da universidade. Logo mais, tomei a decisão de criar uma oficina a ser produzida para determina faixa etária do ensino básico, e que seria realizada no segundo semestre de 2016, tendo como foco colocar os educandos nas práticas das intervenções artísticas no espaço. Passei por um longo período assistindo vídeos disponibilizados pelo *Youtube*, coletei dados e imagens respectivas aos assuntos abordados, e principalmente de trabalhos com intervenções artísticas urbanas. Realizei alguns recortes de trabalhos que se assimilam a minha proposta do presente projeto e transcrevi vídeos para o enriquecimento do embasamento teórico e prático.

Depois de todo material separado, após a introdução, objetivos gerais e específicos, vi a necessidade de escolher um tema. Queria algo que unisse escola, aprendizagem e intervenção. O tema surgiu então, depois de inúmeros rascunhos para a análise de um assunto que se adequasse a estrutura do conteúdo.

Logo mais, iniciei a justificativa. A princípio não compreendi muito bem os mecanismos de como desenvolvê-la, porém após alguns esclarecimentos a partir da leitura de um referencial teórico sobre como elaborar um projeto de pesquisa e algumas explicações da orientadora e de colegas da mesma graduação, foi estabelecido um ponto de partida para discorrer sobre os fatores que me estimularam para a escolha da presente abordagem.

Adiante no capítulo II será abordada primeiramente um breve recorte sobre a história das intervenções artísticas urbanas. Logo após, no capítulo III a presente pesquisa contará com algumas reflexões sobre o ensino de arte no processo histórico, de forma que no capítulo IV será contado um relato detalhado e algumas reflexões do projeto de execução proposto pelo autor e direcionado para as suas duas turmas do 9º ano do ensino básico. Como encerramento no capítulo V, será dado um breve enfoque a alguns referenciais respectivos a avaliação de conteúdo e posteriormente no capítulo VI, a conclusão colocando em destaque os achados de todo o processo.

2. INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS – BREVE RECORTE HISTÓRICO

Dentre os distintos contextos em que a arte está presente, em suas inúmeras formas de expressão cultural, ela vem ocupando lugar significativo nos espaços urbanos da sociedade contemporânea. As relações entre arte e cidade promovem, atualmente, amplas discussões conceituais, principalmente no que diz respeito à estetização do espaço público, considerando questões que envolvem tanto a concepção da cidade como obra de arte, quanto da obra de arte na cidade.¹

É realmente evidente que a arte vem ocupando um lugar muito importante principalmente quando se refere à sociedade. O desejo dos artistas contemporâneos de “desmusealizar” conceitos artísticos levando novas formas de expressão ao contato direto com o público das ruas por meio das intervenções, se torna tão grande quanto o do professor em levar essa mesma forma de ensinar arte para o contexto das instituições de ensino.

O lugar pensado como suporte e o interator da ação artística pressupõem o pensar a cidade em toda sua complexidade, sua história, sua lógica sócioespacial e sua geografia física e humana, postas em consonância com os elementos e fundamentos conceituais para a elaboração de um projeto artístico de intervenção urbana.²

Pensar o espaço urbano como um suporte para as práticas de intervenção, com a inserção de alunos dentro de um projeto artístico, é uma oportunidade de colocá-los totalmente dentro da essência do meio em que vivem, provocando nos mesmos, um desenvolvimento reflexivo e crítico em torno das questões que rodeiam a sociedade.

Entender a cidade, seus atores e seus equipamentos públicos como um meio e suporte flexível e também um lugar predestinado a esse modelo de

¹ FREITAS, Sicília Calado. **Arte, cidade e espaço público: perspectivas estéticas e sociais**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/SiciliaCaladoFreitas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

² BARJA, Wagner. **Intervenção/terintervenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. Artigos de opinião. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008 213. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/816/2359>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

arte é pensar e querer dar conta de uma determinada sociedade e de seus possíveis.³

É de extrema necessidade antes de tudo, que antes de propor qualquer prática de intervenção pública como meio de aprendizagem, o mediador ou professor estabeleça com alunos uma aproximação do contexto a ser explorado de modo que compreendam o espaço urbano e as possibilidades que ele oferece.

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte (IAVELBERG, p. 10, 2003)

Nos dias atuais podemos observar em algumas instituições modelos de ensino fracassados onde os alunos não conseguem êxito com as propostas de alguns professores que por sua vez nem sempre estão muito atentos para a realização de um planejamento que busque a interação total dos alunos com as atividades. Se tratando do ensino de arte, o educador deve exercer um papel fundamental na construção do conhecimento, buscando ferramentas que propiciem aos alunos o desenvolvimento da aprendizagem através de abordagens metodológicas que possibilite a livre expressão de ideias e opiniões, fugindo de qualquer contexto autoritário e tradicional.

A arte pode exercer importante papel no cotidiano. Segundo Claudia Büttner, para assumir uma função pública, a arte deve ter como princípio básico e indispensável criar obras artísticas “com e para” determinado lugar, abusando do confronto com o contexto e descobrindo, destacando e valorizando temas e lugares. (FONTES, p. 211, 2013)

Sem dúvidas a intervenção pública deve ter como iniciativa, propor visibilidade marcante a um determinado espaço de modo a modificá-lo, tendo como um dos principais objetivos a interação entre arte e público. Essa relação entre

³ BARJA, Wagner. **Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano.** Artigos de opinião. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008 213. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/816/2359>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

ambos deve ser fundamentada, criando possibilidades de interpretações diversas que vão de encontro muitas vezes ao despercebido, desvalorizado.

Para que se tenha um melhor entendimento do que são e como podem ser realizadas dentro de variados contextos, falarei um pouco sobre a história da intervenção como forma de arte e apresentarei alguns trabalhos relacionados às práticas de intervenções artísticas urbanas.

Segundo a autora Maria Alice Ferreira, doutoranda da universidade de São Paulo (USP) em seu artigo, *Arte Urbana no Brasil*:

...expressões da diversidade contemporânea da universidade de São Paulo. A mesma define arte urbana como uma arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização. Ela é transgressora já que, em certo sentido, não respeita os limites do público e do privado para se fazer expressar.

Os anos 60 foram particularmente promissores para o desenvolvimento da linguagem da Arte Urbana. Nesta década viu-se surgir um movimento maciço de protestos contra o autoritarismo político e exacerbação do capitalismo nas sociedades ocidentais. Vários países europeus tiveram movimentos estudantis fortes assim como países latino-americanos. Assim, estas inscrições urbanas que surgem em meados dos anos 60, tomam uma dimensão que, em certa medida, empodera a massa juvenil, dando mais uma possibilidade de expressão, que está no limite da transgressão. Este cenário de manifestações populares, onde o palco é cidade, dá as bases para um movimento que se inicia nos anos 70, em que as questões políticas estão diluídas e a presença das individualidades e da expressão artística começam a tomar vulto nas ruas das metrópoles. Surge aí o graffiti⁴, que são inscrições urbanas, e outras adjacências advindas dele da qual denominamos Arte Urbana (FERREIRA, 2011).⁵

Seguem-se abaixo algumas imagens da ação de manifestantes realizada na década de 1960, nos Estados Unidos, intitulada de “Movimento Hippie” na qual as questões políticas estavam sendo palco, para tal ação.

⁴ A palavra graffiti (plural de graffito), com o significado de frases ou desenhos feitos em muros ou paredes de locais públicos, é um estrangeirismo italiano. A palavra graffiti já está no plural e usa-se precisamente no plural, que em italiano não leva «s». Optando por ela, sendo uma palavra estrangeira, devemos escrevê-la entre aspas ou em itálico.

Em português, para designar o mesmo, temos o termo grafito – grafitos, no plural –, já existente em dicionários portugueses desde o século XIX, com o significado de «inscrição em paredes ou monumentos antigos» (<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-graffiti/11701>)

⁵ FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. Universidade Nove de Julho / SP. (doutoranda). 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Bebezinha/Dropbox/bia%20e%20rafa/TCC/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2016.



Figura 1: Fonte: <<https://f5dahistoria.wordpress.com/2010/08/20/as-principais-mudancas-culturais-no-pos-guerra-os-jovens-dos-anos-1960-70/>>.



Figura 2: Fonte: <<https://www.pinterest.com/pin/349310514824683159/>>.



Figura 3: Fonte: <<http://culturaesembom.webnode.com.br/movimento-hippie/>>.

No Brasil os movimentos de protesto contra a ditadura também foram permeados pelas inscrições nas paredes, que tinham como lema central a frase: “Abaixo a Ditadura”. Mas neste caso específico as manifestações

foram menos contundentes assim como o material de protesto produzido por ela (Ferreira, 2011)⁶

O período que se deu a época da ditadura militar foi de 1964-1984.

Seguem-se abaixo algumas imagens da ação ou forma de intervenção: “Abaixo a Ditadura”, em meados da década de 1960.



Figura 4: Fonte: <<https://resistenciaemquivo.wordpress.com/2014/04/17/pelos-muros-da-ditadura-acoes-de-resistencia-a-ditadura/>>.



Figura 5: Fonte: <http://blogdocappacete.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html>.

⁶ FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. Universidade Nove de Julho / SP. (doutoranda). 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Bebezinha/Dropbox/bia%20e%20rafa/TCC/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2016.



Figura 6: Fonte: <www.rebeliao.org>.

A produção brasileira de artes plásticas no período da ditadura refletiu não só o inconformismo com o regime autoritário, como também as mudanças artísticas pelas quais o mundo passava na época. Se, durante os anos 1950, havia um otimismo da arte nacional em relação ao desenvolvimento do país, como nos mostram o concretismo e a construção de Brasília, nos anos 1960, a palavra de ordem era romper com todos os padrões do “sistema.

O campo das artes plásticas, por sua própria história, foi o que mais encarnou esse ideal de ruptura e transgressão, tanto estética quanto comportamental. Era preciso criticar o regime autoritário e buscar novos modos de produção artística e de ocupação dos circuitos de exposição das obras, indo além dos limites de galerias e museus. As artes visuais assumiram primeiramente uma forma crítica e reflexiva a esse contexto histórico, na forma de um questionamento de seus próprios meios de criação.⁷

Até então havia centenas de manifestantes promovendo suas ações por meio das intervenções públicas com o objetivo de protesto contra o regime militar. Pode-se dizer então, que na época da ditadura no Brasil, as artes visuais assumiram um novo modo de se expressar principalmente no que se referia ao regime autoritário. Contudo, no mesmo período, elas entram dentro do contexto urbano, se configurando em um novo modo de atuação e de intervenção no espaço. Também com caráter político e de protesto, se destacaram as intervenções artísticas urbanas, que eram projetadas e realizadas pelo artista de forma reflexiva e crítica. Um exemplo muito marcante da época de tais intervenções, é a obra intitulada de *Trouxas Ensanguentadas (T.E) 1969 - 1970* do artista Artur Barrio. Neste período, o artista confeccionou 14 trouxas a partir de carne, sangue, espuma de borracha entre outros materiais. A composição das trouxas se assemelhou a restos de cadáveres

⁷ _____. **Artes Plásticas na ditadura**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/artes-plasticas/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

em decomposição chamando a atenção das pessoas que passavam pelas margens do rio Arrudas, no Parque Municipal, em Belo Horizonte. Algumas pessoas chegaram a pensar que realmente se tratava de pessoas mortas dentro daquelas trouxas manchadas com cor de sangue. Ficou evidente nesta obra, uma provocação à reflexão crítica em relação ao regime militar da época.

Vejamos a seguir, algumas imagens da respectiva obra:



Figura 7: Fonte: < <http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/>>.



Figura 8: Fonte: < <http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/>>.



Figura 9: Fonte: <<http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/artur-barrio/>>.

Além de “Touças Ensanguentadas” foram selecionados outros trabalhos, que se tratam de produções atuais e exprimem a provocação do afeto e o espaço público e o público no espaço. São prints e transcrições realizadas através de vídeos com depoimentos e entrevistas. A matéria foi transcrita com pequenas correções de vícios linguísticos. O conteúdo pode ser encontrado no “canal futura” do youtube, na série intervenções artísticas urbanas. Tenho como princípio utilizar este material a seguir na oficina a ser realizada no próximo semestre e que será objeto desta pesquisa.

3. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE NO PROCESSO HISTÓRICO

Inicialmente, a temática escolhida para a pesquisa em ensino de arte, surgiu com o objetivo de aplicá-la de alguma forma dentro do contexto escolar. Depois de todo um embasamento sobre a linguagem em questão, foi de extrema necessidade a busca por novas abordagens metodológicas para que se conseguisse desenvolver a proposta que durante o percurso se caracterizou por uma oficina para alunos de uma determinada faixa etária do ensino básico, mas que após certos desdobramentos, o projeto se configurou com outro formato devido a algumas circunstâncias do pesquisador.

Como professor na rede pública, a pesquisa foi direcionada para a observação da prática realizada no Ensino Fundamental com o 9º ano. Até então, com muito pouco contato direto com alunos do ensino básico na atuação como docente, algumas problemáticas se originaram após uma visão mais ampla e de perto diante do cenário educacional referente ao campo da arte.

Durante muitos anos, no Brasil, o professor se satisfazia apenas com a enunciação dos objetivos e não com sua operacionalização através de métodos apropriados. Esta desvinculação entre objetivos e métodos torna a atividade artística meramente mecânica, introjetando na criança um conceito de arte como *nonsense*.⁸

Essa problemática que envolve a abordagem metodológica dos professores é muito constante. Em observações, registros de estágios, relatos de alunos, é visível a preocupação do educador em apenas de se chegar no produto final de modo que a classe exerça um papel apenas de executora de tarefas, exprimindo uma participação de mera passividade em relação ao trabalho desenvolvido sem mesmo entender o processo que é de muita importância, porém nem sempre é abordado da forma mais adequada. O trecho a seguir explica:

O que se observa hoje nas escolas é que professores despreparados (e a culpa não é deles), obrigados por lei a “ensinar arte”, distorcem os princípios metodológicos investigados pelos experimentalistas dos

⁸ BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação: Conflitos/ Acertos**. Editora: Max Limonad. 1988. Pag.52.

anos 60 e os reduzem a aspectos meramente formais, fossilizando-os. O resultado disso tudo é que a arte-educação vem cada vez mais se entrincheirando em slogans como: “o que importa para a criança é o processo e não produto”, ou “a criança desenha aquilo que sabe, e não aquilo que vê”, os quais demonstram um indesculpável afastamento e desconhecimento das teorias que investigam a percepção e a representação simbólica.⁹

Um dos variados despreparos relacionados ao sistema de levar aos alunos um modelo pronto de atividades que em alguns casos não se encaixam nos eixos pertencentes daquela determinada *tribo* ou comunidade, pode refletir de modo muito desconfortável até mesmo no envolvimento da turma com a proposta.

Rosângela, 8º série. Colégio Gilberto Amado, Rio de Janeiro, março, 1976:

- Ela (a professora) manda a gente ir fazendo e a gente vai fazendo do jeito que ela manda. Num dos trabalhos, ela mandou a gente amassar uma folha de papel celofane para depois desamassar e colar numa superfície de cartolina; quando eu aprontei, ela achou bonito. Mas ela sabe o que é, eu não.¹⁰

Pode-se observar o reflexo de como tais propostas prontas influenciam negativamente na rotina dos alunos. A Rosângela assim como os demais apenas seguiram uma ordem dada pela educadora que talvez pelo despreparo ou até desinteresse em utilizar abordagens metodológicas que envolvessem os alunos, gerou-se o bloqueio e perda do processo de criação e crítica do educando, e os mesmos se tornaram meros executores de trabalhos não autorais, mas sim determinados pela professora e desenvolvidos mecanicamente com início, meio e fim. Observa-se também neste contexto a presença da herança autoritária e tradicional de tempos atrás quando o professor exigia do aluno as mesmas imposições que a professora de Rosângela.

Será esses modelos prontos reflexos apenas da herança do ensino tradicional e despreparo profissional ou também da falta de interesse do próprio aluno pelo conteúdo de arte? É muito comum não só hoje mas já a muito tempo, estudantes não sentirem empatia pelo conteúdo artístico. Talvez pelo fato de que a arte nunca

⁹ BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação: Conflitos/ Acertos**. Editora: Max Limonad. 1988. Pag. 53.

¹⁰ BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação: Conflitos/ Acertos**. Editora: Max Limonad. 1988. Pag.52.

tenha sido abordada como um fator importante não somente para o desenvolvimento pessoal mas também educacional e acabou sendo caracterizada em muitos casos pela aula da bagunça ou aula para realizar tarefas de outras disciplinas. Tal banalização do ensino de arte mostra cada vez mais como é preciso reverter esse cenário a favor de uma interação integral não somente de alunos, mas também de educadores e de todo o corpo da escola.

É possível que essa nova geração de educadores procurem novas formas de abordagens levando em consideração aspectos simples, porém que podem contribuir bastante para o planejamento. Paulo Freire por exemplo, nos deixou apontadas as qualidades indispensáveis para um melhor desempenho de professores progressistas.

Gostaria de deixar claro que as qualidades de que vou falar e que me parecem indispensáveis às educadoras e aos educadores progressistas são predicados que vão se gerando na sua prática. Mais ainda, são gerados na prática em coerência com a opção política, de natureza crítica do educador. Por isso, as qualidades de que falarei não são algo com que nascemos ou que encarnamos por decreto ou recebemos de presente. Por outro lado, ao serem alinhadas neste texto, não quero atribuir à ordem em que apareçam nenhum juízo de valor. Todas são necessárias à prática educativa progressista.¹¹

Freire inicia sua carta abordando a humildade como um fator de muita importância, porém explicita que não se refere a humildade como “falta de acato a nós mesmos” mas a indica como forma do indivíduo mostrar coragem e respeito para si e para o próximo. A humildade praticada pelo educador como ferramenta para estabelecer um vínculo de respeito não autoritário e o diálogo com o educando, pode com certeza ser uma das portas para que ele consiga quebrar essa barreira do desinteresse criada pelo aluno, diminuir a falta de empatia e é claro, acabar com a banalização da disciplina.

“A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo: ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo: Todos ignoramos algo”¹²

Acredita-se hoje que o papel do educador não se restringe em transmitir o seu saber imposto de modo engessado e autoritário como já foi observado anteriormente, vale destacar que através da humildade, tal saber deve ser

¹¹ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.03.

¹² FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.03.

compartilhado e agregado ao saber do outro, transformando o ensino em uma espécie de troca entre professores e alunos.

De fato, não vejo como conciliar a adesão ao sonho democrático, a superação dos preconceitos, com a postura inumilde, arrogante, na qual nos sentimos cheios de nós mesmos. Como ouvir o outro, como dialogar, se só ouço a mim mesmo, se só vejo a mim mesmo, se ninguém que não seja eu mesmo me move ou me comove”¹³

A partir do momento em que não se estabelece o diálogo e a troca de saberes e experiências entre educadores e educandos, se evidenciam muitas questões que envolvem negativamente a relação entre ambos com a disciplina artística. É Bem possível que a “postura inumilde” (FREIRE, 1997) e egocêntrica de não observar e abrir espaço para debater e promover o entendimento das reais necessidades dos alunos, tenha feito com que a aluna Rosangela citada anteriormente, não entendesse os motivos de ter amassado uma folha de papel celofane para depois desamassá-la e sobrepô-la numa superfície de cartolina.

Mas é preciso juntar à humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar.¹⁴

No primeiro de dia de aula, o contato inicial do professor(a) com os alunos é o momento de se criar laços. Pois ali fica registrado na memória da turma a impressão que ficará durante todo o ano letivo. É fundamental que haja uma interação que vá ao encontro de novas trocas e descobertas. Promover uma sondagem através de dinâmicas e apresentações pessoais exprimindo alguns objetivos e mostrando interesse nas particularidades dos alunos, buscando entendê-los na medida de suas necessidades, conhecendo um pouco sobre a comunidade e o meio em que os mesmos vivem, já é uma das variáveis formas de um profissional da educação se qualificar dentro da qualidade referente a “amorosidade” citada por Paulo Freire.

É preciso, contudo, que esse amor seja, na verdade, um “amor armado”, um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar. É essa forma de

¹³ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.03.

¹⁴ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.03.

amar indispensável ao educador progressista, e que precisa ser aprendida e vivida por nós.¹⁵

É claro que o amor deve ser vinculado a vontade de atuar na profissão. É muito comum professores que se deslocam até as escolas apenas para cumprirem com seus horários e pouco se importam com o planejamento de novas abordagens metodológicas que possam ir de acordo com o que a classe necessita. Mas porque essa falta de amor? Será devido aos poucos recursos relacionados a infraestrutura, a falta de materiais para que se promova uma melhor performance do trabalho ou pelo fato das problemáticas relacionadas aos salários?

Sabemos que todos esses fatores citados existem e são de fato muito negativos, porém o papel do educador que ama o seu fazer, é de conseguir com recursos e modos alternativos, um meio de executar seu trabalho passando por cima de todas essas barreiras impostas, de modo a encará-las como desafios que existem não só na educação mas em quaisquer áreas onde tais emblemas servem também para promover a saída da zona de conforto e promover a desenvoltura e crescimento do atuante.

Acontece, porém que a amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem que eu invente em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar.¹⁶

Tal coragem segundo Paulo Freire é parte constituinte do medo. Pois para que haja coragem, automaticamente temos que sentir o medo. O atual cenário da educação está repleto de fatores geradores de medo. Acredita-se que o amor anda junto com a coragem, proporcionando assim, a vontade de ir em busca de um ideal que por consequência também provocará a insegurança no profissional, mas que pode ser sanada através do ato corajoso.

Antes de mais nada, reconhecemos que sentir medo é manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas o que não posso permitir é que meu medo me imobilize.¹⁷

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.04.

¹⁶ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.04.

¹⁷ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.04.

Lidar com uma classe de inúmeros alunos por exemplo, colocar em prática um plano adequado que envolva a interação dos mesmos de forma satisfatória e procurar meios de trabalhar com a diversidade existente entre eles, com a bagagem que cada um traz consigo e com isso executar um bom plano de ação que gere resultados esperados e que vão de encontro ao aprendizado, pode ser sem dúvida, um dos meios de colocar em prática o ato de coragem e por conseguinte lutar contra as inseguranças já impostas e até mesmo as que possam surgir durante o percurso referente a questão de planejamento e abordagens de ensino.

Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. Aprender com o diferente, a respeitar o diferente.¹⁸

A diversidade é um aspecto que deve ser tratado. Hoje vivemos em mundo onde a intolerância cresce a cada dia, porém as discussões que vão contra a mesma, tem se destacado cada vez mais dentro da sociedade e principalmente nas escolas. Os trabalhos de prevenção contra a intolerância, podem ser muito bem aplicados dentro do conteúdo artístico, assim como poderá ser observado mais adiante no presente projeto. A seguir, um pouco mais sobre abordagens metodológicas.

Como realizar um trabalho coletivo buscando a compreensão do aluno e a criação do desenvolvimento crítico no mesmo? Relembremos alguns métodos de ensino relacionados às aulas de arte que acompanharam a história até os dias de hoje.

Nas primeiras décadas do século 20, o ensino de arte, mais especialmente o desenho, apresentava-se impregnado do sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho, iniciado no século anterior. Na prática, o ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias valorizavam o traço, o contorno, a configuração, e era voltado sobretudo para o aprimoramento do conhecimento técnico e estética neoclássica.¹⁹

¹⁸ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'água. 1997. Pag.04.

¹⁹ Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 44, 45.

Neste método tradicional, era muito evidente a preocupação do professor em levar para os alunos, modelos de atividades que na maioria das vezes eram escolhidos através de livros ou da própria tradição clássica. O importante é esclarecer que não havia qualquer estímulo quanto ao processo de criação, por isso os alunos tinham como meta conseguir reproduzir os desenhos de modo que se preparassem para o meio profissional. Hoje ainda existem muitos resquícios deste método. Uma grande maioria de educadores ainda respira através de modelos prontos deixando o aprendiz totalmente ímpar do significado, assim como a Rosângela citada anteriormente. Será que muitos ainda preferem lidar de acordo com o autoritarismo e como detentores do conhecimento? Ou talvez não haja vontade de formular uma didática mais interativa para construir alunos pensantes? É hora de destacar sobre avaliação. De acordo com o olhar de muitos educadores, uma das formas mais ríspidas de avaliar um estudante é caracterizada pela temerosa “prova ou teste”, metodologia que causa muitas reflexões para discussões.

Precisamos reconhecer que, tanto o processo da aprendizagem como o olhar-avaliador do mestre ou do aluno, são complexos, nobres e ricos demais para serem reduzidos a uma avaliação, que se concretiza numa prova.²⁰

Aprender a “olhar” é uma tarefa que requer muita dedicação de um educador, o olhar se configura pela iniciativa de ater-se na dinâmica dos alunos dentro da sala. Pode-se destacar aqui a amorosidade, uma das qualidades de Paulo Freire já citada anteriormente, que aplicada ao simples gesto da observação, da preocupação com as particularidades da turma, se pode alcançar uma possível avaliação digamos não mais precisa porém mais justa de acordo com o percurso dos educandos durante o ano letivo.

Cabe aqui uma citação referente a ruptura com o ensino tradicional e que também vai de encontro com um outro “olhar” do educando que deve propiciá-lo formas de estímulo para que desenvolva também o seu próprio “olhar” diante de propostas em sala de aula.

Se aquele ver por dentro” ainda nos é impossível, devemos saber que, enquanto não chega esta feliz época, podemos trabalhar os

²⁰ RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. Ed. Esplan. 14ed. 1995. Pag. 50.

nossos alunos “por dentro”, isto é: ensiná-los a pensar, mais do que somente memorizar; ensiná-los a questionar o mundo, mais do que aceitá-lo passivos; ensiná-los a criticar a Ciência, mais do que sabê-la de cor; ensiná-los a fazer Ciência mais do que recebê-la pronta!²¹

Ver “por dentro” se caracteriza pela forma concreta de como se dá a aprendizagem. Sabemos que ainda não há meio de concretizá-la, e por isso é interessante a prática do “ver por dentro” já citada, onde o educador se preocupa cada vez mais com o desenvolvimento crítico do educando deixando como legado a prática do pensar. É de extrema importância que o professor estimule o pensamento juntamente com a turma ao invés de deixá-los como robôs apenas executando tarefas prontas, estimulá-los a questionar o ambiente do qual fazem parte e fazer com que façam desdobramentos referentes a teorias de modo que não aceitem nada dado e decorado. Pode-se dizer que com a pedagogia nova tivemos um bom desprendimento do autoritarismo porém ainda não se obteve êxito com tal tendência.

O ensino de arte, portanto, direciona-se para a expressão livre da criança e o reconhecimento de seu desenvolvimento natural. O movimento modernista favorece muito essa nova interpretação e surgem debates sobre a importância da livre expressão como um fator da formação artística e estética.²²

Inicialmente podemos pensar que tal tendência tenha chegado para promover um total avanço com a ruptura das regras do autoritarismo. É evidente que neste aspecto realmente obteve-se êxito, mas é claro que a partir deste modelo, o principal objetivo era promover a liberdade de criação artística do educando, gerou-se grandes problemáticas em relação ao educador. Hoje ainda podemos encontrar resquícios desta tendência onde a proposta do famoso “desenho livre” se constrói com bastante frequência fazendo com que a proposta não tenha significado tanto para o aluno quanto para o professor. Na verdade, falar em “resquícios” de tais metodologias talvez não seja o termo mais correto pois mesmo se tratando de modalidades ultrapassadas o professor hoje ainda pode utilizar as abordagens que o melhor atendem mesmo que não sejam as mais apropriadas.

²¹ RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. Ed. Esplan. 14ed. 1995. Pag. 50.

²² Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 49.

Mas qual modelo seria mais apropriado para uma visão universal? A seguir, mais um pouco sobre as tendências que marcaram o ensino de arte:

Na pedagogia “Tecnicista”, o professor tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso.²³

Nesta tendência, apesar dos elementos primordiais presentes para que um educador tenha metas e objetivos estabelecidos através do planejamento, a didática se tornou muito limitada, transformando professores e alunos numa espécie de dependentes, onde todo o conteúdo deveria ser seguido através de guias curriculares e livros. É claro que todas as abordagens citadas até agora apesar de negativas em alguns aspectos, contribuíram de certa forma para a evolução do cenário educacional. No tecnicismo por exemplo, foi implantado também a utilização da tecnologia como ferramenta didática como um meio de se modernizar o ensino.

Logo à frente nos deparamos com uma nova abordagem. Seria a Tendência Realista-Progressista o caminho para o sucesso?

Segundo Libâneo (1985), a tendência progressista manifesta-se nos movimentos pedagógicos que apontam para uma análise crítica das realidades sociais e uma educação conscientizadora.²⁴

Temos a partir daí, um novo conceito de planejamento. Cabe agora ao professor buscar as necessidades de ensino que vão de encontro ao contexto em que os alunos estão inseridos. Pode se tornar mais fácil obter um resultado com êxito a partir do momento em que a realidade dos alunos estiver inserida dentro do contexto escolar. A relação dos mesmos com a disciplina se torna mais agradável na medida em que o professor começa de fato a entendê-los e olhá-los como parte integrante das propostas e não como simples executores, sendo que dentro de tal contextualização é possível também, manter através de ferramentas, um meio de

²³ Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 52.

²⁴ Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 53.

promover mais facilmente a interação conjunta entre alunos, professores e propostas, já que os discentes serão envolvidos na sala de aula dentro de seus próprios costumes, valores e meios que os cercam. Logo adiante percebe-se como a contextualização ganhou forças também no ensino contemporâneo:

Fazer e conhecer arte dentro de um trajeto sustentado de aprendizagem, ou seja, aprendizagem contextualizada, reflexiva e criadora, passou a ser considerada uma das principais metas das novas proposições curriculares.²⁵

Aqui podemos observar algumas mudanças e o prevaletimento da contextualização vinda do ensino Realista-Progressista. O educador tem a partir de agora, a presença da versão preliminar dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que é um sistema de referência pedagógica que tem o objetivo de promover a qualidade de ensino a todos os alunos. Mas é claro que infelizmente o cenário ainda nos mostra realidades muito distantes com relação aos PCNs, pois ainda nos confrontamos diariamente com professores atuando sem formação na área, e também vemos instituições sem o ensino da disciplina de arte.

Com referência aos PCNs de arte, tais saberes foram direcionados ao autoconhecimento, ao outro, ao fazer e perceber arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso estético e à interação dos indivíduos no ambiente social\tecnológico\cultural, preparando-os para um mundo em transformação e para serem sujeitos no processo histórico.²⁶

Os PCNs realmente deram uma norteadada a muitos professores que estavam com propostas curriculares sem uma estrutura coerente. A partir deste novo modelo, é evidente que o ensino passou por uma reformulação, onde no conteúdo artístico, o educando é visto como parte do processo histórico de modo que ele desenvolva habilidades como a construção do pensar, criticar e analisar, podendo também desenvolver o seu próprio processo de criação com mais autenticidade, tendo o educador como base teórica e referencial para que se gere uma possível troca de conhecimentos e saberes. (revisar esta parte a partir do termino do ensino progressista)

²⁵ Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 59.

²⁶ Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed. Pag. 57.

Ainda hoje, apesar de alguns caminhos apresentados aos professores para que se contemple a aprendizagem, existem inúmeros fatores negativos em relação ao ensino. Já foram citados os variados formatos de ensino até o atual, e mesmo assim, educadores sofrem dia após dia com as barreiras impostas pela profissão. Podemos direcionar tais problemáticas para todas as áreas de conhecimento, porém se referindo a arte, é constante a preocupação dos professores com a interação dos alunos, a falta de atenção e interesse pelo conteúdo. O problema estaria nas abordagens de ensino escolhidas pelo educador? De quem é a culpa? De alunos desmotivados, da falta de materiais para a construção de novas propostas ou até mesmo da não importância dada pelos próprios professores em colocar em prática formas alternativas de fazer com que o aluno se interesse tanto pelo pensar quanto pelo fazer artístico?

É de extrema importância que o educador busque formas de promover e estimular tal interesse dos alunos, mas para isso é necessário que ele levante aspectos rotineiros durante a dinâmica referente ao andamento da aula, que possam ser refletidos e recolocados em prática de outras maneiras para que se obtenha um retorno positivo. Segue um relato realizado pelo autor da presente pesquisa, com base na observação de um dos estágios ocorridos durante a sua graduação.

Em uma das aulas de artes presenciada, os alunos foram organizados em grupos, de modo a deixar o aspecto da classe fora dos padrões tradicionais que seria se sentarem em filas, um atrás do outro. Fugir de tais padrões pode ser um ótimo meio para chamar a atenção dos alunos para dentro do conteúdo, porém é preciso tomar muito cuidado com a dispersão da aula referente aos alunos quando se trata da formação de grupos.

O professor apresentou aos alunos esclarecimentos sobre um exercício prático de desenho de uma mandala, alguns lembretes relacionados a textos para leitura, datas de simulados e distribuição de notas.

Logo após as explicações sobre notas e modos de avaliação, o professor iniciou a chamada enquanto os alunos se envolveram com a tarefa que era composta por uma pergunta, que depois de finalizada, seria avaliada em cinco pontos. O término da atividade foi bem antes do horário se encerrar, ficando visível o desinteresse da parte dos alunos.

É claro que não se deve colocar a culpa somente nos alunos, pois como já foi explicado anteriormente, sabe-se que muitos educadores possuem também o desinteresse, a falta de clareza em seus objetivos que geram o retorno negativo de propostas, a falta de embasamento, a falta de motivação entre outros fatores. Voltando ao

relato, podemos afirmar que tenha faltado embasamento na proposta ou até mesmo uma dinâmica diferenciada. O fato dos alunos não terem se envolvido naquela atividade, provavelmente gerou um olhar e promoveu a reflexão no educador de modo que o mesmo pudesse pensar a mesma proposta reformulada com métodos mais eficazes tendo como base os *pontos negativos* da proposta não contemplada antes.

É engraçado como que independente dos motivos da não contemplação de uma aula, é possível através da observação e reflexão, reformular o que não deu certo e ter a oportunidade de recolocar tudo em prática novamente. Aqui temos a prova de que errar se torna um fator primordial na formação de um professor.

Outro ponto bastante importante quanto a formação de um educador, é o início da atuação. O fato de um educador recém-formado ter apenas uma única experiência com o cenário educacional a partir das práticas de estágios pode influenciar muito no seu modo de operação.

Destaca-se também o modelo de repetição, o mesmo que pode ser considerada uma das maiores consequências negativas que um iniciante leva para sua atuação. Durante os estágios dentro da graduação, é muito comum que o estagiário enxergue o professor observado como um modelo a ser seguido, porém se esquece que o seu papel ali é de colocar em prática uma reflexão que gire em torno de todos os aspectos positivos e negativos das abordagens metodológicas presentes dentro daquele contexto, de forma que desenvolva o seu próprio senso crítico vinculado a sua maneira de planejar métodos. Acredita-se que esses modelos concebidos aos novos atuantes nem sempre são positivos, visto que é neste momento de troca que o professor veterano muitas vezes transmite um cenário distorcido relacionado às suas experiências.

Retornando agora para o objetivo da pesquisa presente, é preciso ressaltar que o mesmo está relacionado a quebra dos costumes tradicionais de ensino, e na construção de meios alternativos e novas abordagens metodológicas. A realização das intervenções artísticas se desdobrou também como uma ferramenta para promover a total interação e desenvoltura dos alunos envolvidos, gerando então a construção do senso crítico em relação à prática.

4. RELATO E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO

Através de um plano de unidade cujo tema proposto foi *pluralidade cultural*, o conteúdo do projeto em questão que já foi abordado anteriormente na introdução como uma oficina proposta para uma determinada escola, se resignificou se descaracterizando de uma oficina para se tornar parte do planejamento anual da disciplina de arte ministrada pelo próprio autor da presente pesquisa, sendo o novo formato da proposta de intervenção realizado na Escola Estadual Sete de Setembro, na cidade de Uberlândia – MG, para duas turmas de alunos inseridas no 9º ano do ensino básico.

Inicialmente, foi feita uma sondagem pelo professor de modo que o mesmo observou a necessidade de se abordar um dos temas transversais que é de suma importância que se faça presente no cotidiano dos alunos desta faixa etária. Propor um trabalho de conscientização relacionado a pluralidade de culturas é essencial no âmbito escolar onde qualquer forma de agressão que envolva preconceito, discriminação, racismo, entre outras formas de desrespeito ou exclusão são praticadas e evidenciadas dia após dia.

Como ponto de partida e já citado mais acima, foi criado um plano de unidade com o tema de conscientização, buscando atender as necessidades do contexto atual dos alunos. O plano foi estruturado inicialmente com o objetivo de levar aos alunos o entendimento sobre pluralidade cultural e as questões que permeiam o assunto, e partir de todo o embasamento teórico e contextualizado juntamente com as reflexões geradas pelos mesmos, foram orientadas pelo professor para a segunda proposta, onde puderam executar intervenções dentro da escola com a temática explanada durante as aulas. Segue o relato:

No primeiro dia, o educador propôs uma forma diferente de conduzir a aula para que pudesse chamar a atenção dos alunos para o envolvimento da proposta.

De início não foi falado para as turmas que mais tarde poderiam desenvolver um trabalho voltado para a intervenção. A aula foi iniciada como qualquer outra, porém com uma dinâmica diferente que fugisse do modelo tradicional caracterizado pelas filas padronizadas de mesas e cadeiras. Ao invés dos cinquenta minutos rotineiros de toda segunda-feira dentro da sala de aula, os alunos foram encaminhados pelo professor para o laboratório de informática que por sinal é bastante completo, incluindo ferramentas de grande interesse para auxiliar na interatividade.



Figura 10: Alunos no laboratório de informática aula 1.

Os alunos sentaram-se na posição em que encontraram as cadeiras, conforme foto 10, e em seguida o professor iniciou a abordagem do tema.

É importante frisar que o educador da presente pesquisa, tem como um dos princípios manipular suas estratégias de modo que estimule o educando a desempenhar um papel de atuação dentro da proposta, levando em total consideração a sua vontade de interação não somente prática mas principalmente de ideias e trocas sociais.

A primeira objeção negativa surgiu no momento em que o educador realizou o deslocamento dos alunos de um local para o outro, pois cinquenta minutos de aula é pouco tempo até que a aula entre nos eixos e os alunos controlem a euforia, pois para eles, sair do sistema comum da sala de aula é visto como algo inovador. Na turma presente na imagem 1, se destaca outra problemática devido as aulas de arte serem ministradas no primeiro horário, pois na maioria das vezes muitos chegam atrasados, outros ainda chegam com sono, outros se deitam nas carteiras e o andamento das propostas acaba sendo muito prejudicado já que o tempo de um horário é muito curto para resolver todas essas questões.

Voltando para a dinâmica da aula em questão, logo após a discussão do significado e conceitos que englobam a pluralidade cultural, o educador partiu para a utilização do recurso audiovisual e exibiu através da internet e do projetor, alguns vídeos relacionados à discriminação e racismo que foram escolhidos

intencionalmente durante a busca por referências no momento da construção do planejamento.



Figura 11: Exposição do vídeo: Ninguém nasce racista – CRIANÇA ESPERANÇA

A narrativa do vídeo se caracteriza por uma experiência em que jovens estudantes recebem um enredo com conteúdo discriminatório. Logo após, são orientados a interpretarem o texto para uma mulher negra que entra no cenário real de uma sala de aula. Logo que a mesma entra, o aluno(a) é colocado sentado frente a ela, e deve iniciar o conteúdo. No momento em que são colocados frente a frente, alguns alunos conseguem dificilmente dizer aquelas palavras e é visível o desconforto na pronúncia daquelas frases. Outros não conseguiram e caíram no choro afirmando que não era legal o que deveriam dizer. Outros aproveitaram para contar casos em que foram vítimas de preconceito e discriminação, e alguns disseram ser contra seus princípios expor aquelas palavras que causavam dor, mesmo que não passasse de uma encenação.

Durante o andamento do vídeo, o educador percebeu uma forte diversidade de sensações provocadas nos alunos que estavam com o olhar firmemente preso no vídeo. Alguns foram levados pela emoção, outros não deram muita importância e de certa forma tentaram estragar o momento com conversas paralelas, mas acabaram sendo vencidos pela vontade da grande maioria em participar do que estava sendo proposto.

Os alunos foram estimulados pelo professor para um debate levando em consideração os aspectos do vídeo. Foi perguntado aos mesmos, o que eles absorveram e qual era a concepção e reflexão que idealizaram sobre o que foi exposto, de modo que se algum sentisse vontade, poderia compartilhar com a turma algum episódio que já tenha presenciado ou até mesmo vivido em relação a qualquer tipo de preconceito. É importante destacar que a proposta seguiu abordando todas as formas de discriminação.

O professor havia idealizado uma cena diferente da que obteve durante o debate. Muitos disseram já ter presenciado ou vivido algum tipo de violência voltada para o tema, porém nenhum manifestou o desejo de relatar aos demais, tornando o debate um pouco superficial, porém como um educador deve sempre ter uma carta na manga, o mesmo inserido na proposta em questão, tratou de iniciar a fase final desta primeira aula através de uma brincadeira onde os alunos pudessem perceber as diferenças presentes uns nos outros e a importância de saber respeitá-las.



Figura 12: Alunos envolvidos em uma dinâmica em grupo

Nesta dinâmica encontrada pelo educador no site do *youtube* e posteriormente aplicada aos alunos em questão, inicialmente foi pedido aos mesmos que pegassem uma folha de papel e fossem desenhando de acordo com as instruções orais do próprio professor. Enquanto ele falava, a turma desenhava.

Primeiramente, foi pedido para que eles desenhassem uma cabeça bem grande e redonda. Todos ficaram muito curiosos, pois não sabiam ainda qual composição se formaria através daqueles traços. Logo depois, o educador disse rapidamente para riscarem um corpo pequeno e peludo! Nessa hora muitos caíram na gargalhada e ficaram sem entender o motivo de desenhar um corpo pequeno e peludo em uma cabeça tão grande e redonda. O professor fez muito suspense ao ditar o que deveriam fazer na folha de papel, e então a turma ficou bastante ansiosa e com pressa para saber o resultado. Quando tiveram que desenhar braços pequenos, finos e grandes com dedos e unhas pontiagudas, olharam uns para os outros com tamanho espanto. Tal brincadeira foi a parte da aula em que os alunos mais se interagiram com a proposta. Acredita-se que tal fato tenha se dado por terem ido de encontro com a prática do desenho, algo que sempre chama muito a atenção dos alunos dentro da disciplina, embora seja um pouco clichê pensar que aulas de arte se resumem apenas dentro deste aspecto. Voltando para o processo da brincadeira, traçaram também pés grandes e arredondados, e depois apenas um olho grande bem no meio da cabeça! Para finalizar, o desenho deveria conter um nariz pequeno com narinas quadradas, uma boca grande com dentes falhados, e orelhas pontiagudas.

Foi uma verdadeira festa quando terminaram os desenhos. Logo depois, o educador orientou para que todos os colocassem de forma dinâmica no chão. Observe a imagem a seguir:



Figura 13: Desenhos confeccionados pelos alunos durante a dinâmica.

Depois de colocados no chão, foi feita uma análise para que os alunos percebessem as diferenças existentes entre os desenhos. Nesta hora, muitos entenderam que o objetivo da brincadeira era perceber que não existe distinção entre seres humanos e que cada um possui suas particularidades, seu jeito de ser e até seu jeito de desenhar, pois mesmo que a instrução tenha sido a mesma para todos, cada um traçou o desenho com a sua maneira de pensar, ver o mundo e sentir as formas de modo que as composições tomaram características diferentes umas das outras, e que devido a isso tudo, é papel fundamental de cada um, que esteja sempre promovendo o respeito à diversidade e o amor ao próximo.

O mesmo procedimento foi realizado com a outra turma do 9º ano no terceiro horário. Até então as aulas introdutórias sobre o assunto em questão eram as mesmas para as duas turmas, porém mais tarde, com a escolha das intervenções planejadas e executadas por cada uma, foi preciso que o professor produzisse dois planejamentos distintos para que o mesmo pudesse orientar as diferentes propostas já que as duas classes decidiram trabalhar individualmente.

A interação no primeiro dia foi de bastante curiosidade vinda de alguns alunos, e alguns chegaram a perguntar se pluralidade cultural tinha relação com a arte. Nesta hora o educador parou e explicou que tudo pode se relacionar com a arte e que só depende de como as pessoas ou os artistas articulam seus objetivos.

É instigante como se percebe no relato acima a presença do modelo de repetição existente na visão dos próprios alunos. A pergunta vinda de um deles relacionada sobre a relação que a diversidade de culturas poderia estabelecer com a arte mostra que mesmo na contemporaneidade a concepção de uma aula de arte ainda se pauta apenas na prática do desenho, pintura ou manipulação de materiais plásticos que também possuem origem nos métodos tradicionais de ensino que foram sendo repassados através de gerações. Contudo, pode-se dizer que a introdução ao tema foi realizada com um bom aproveitamento, porém destacaram-se algumas objeções como a dificuldade do deslocamento já citada anteriormente e ainda a falta de interesse em alguns alunos, o que despertou no educador uma série de reflexões sobre o que poderia modificar ou agregar na continuidade da proposta para que ele conseguisse caminhar até seus objetivos, levando em consideração é claro, que tais objeções negativas são essenciais para a bagagem e crescimento profissional do educador.

Na segunda aula sobre a discussão da temática, o educador continuou seguindo o mesmo procedimento de deslocar os alunos para o laboratório de informática. Apesar dos pontos negativos como a perda de tempo e a euforia incontrolável dos alunos, a utilização da sala foi de extrema importância durante a fase inicial de embasamento teórico, pois além de sair da rotina já falada anteriormente e com isso despertar mais curiosidade no educando, na sala convencional seria impossível a utilização de um retroprojetor devido a falta de recursos, e senso assim, não haveria como viabilizar a proposta em questão sem o auxílio de tal material.

Os alunos se sentaram em círculo novamente, e o educador deu início ao assunto sobre arte urbana. Os alunos encararam o tema com mais intimidade já que o professor vinha trabalhando arte contemporânea desde o início do ano letivo. No período do carnaval, os alunos confeccionaram máscaras que mais tarde as utilizaram para uma pequena intervenção na escola para criarem algum tipo de estranhamento e mudar por alguns instantes a rotina de quem passava no pátio da escola. Veja o registro a seguir:



Figura 14: Alunos realizando e participando da intervenção com máscaras

Focando novamente na pesquisa em questão, foram lembrados alguns aspectos e conceitos de arte urbana, e então o educador pediu para que mapeassem lugares da cidade com a existência de intervenções artísticas. Neste

momento, surgiram muitos comentários sobre grafiteiros renomados que possuem trabalhos nos muros da cidade, e o professor aproveitou para lançar algumas provocações sobre o grafite. Boa parte dos alunos diferenciaram grafite de pichação e chegaram na conclusão de que o grafite é sim uma forma de fazer artístico, e mesmo a pichação sendo considerada vandalismo, existe ali um significado para quem a pratica. Depois de toda essa discussão, todos saíram da sala de informática e foram em busca de possíveis intervenções existentes dentro da escola. Os alunos mencionaram sobre um grafite na quadra de esportes que foi realizado para a comemoração do aniversário de 50 anos da instituição. O educador pediu para que fossem até o local e registrassem o trabalho com a câmera do celular. A seguir apresenta-se na foto o registro.

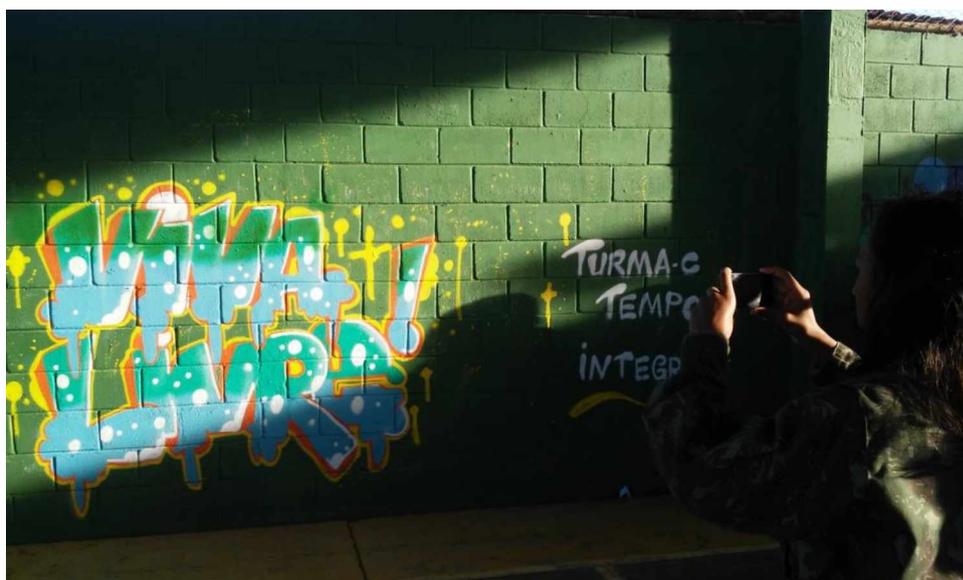


Figura 15: Grafite localizado na quadra de esportes da escola.

Entra aqui outra discussão sobre a forma como se pode criar novos métodos utilizando o que até então é proibido pelos regimentos das escolas. O celular é o alvo das reuniões de professores, e se destaca pela utilização excessiva dos alunos durante as aulas, fazendo com que o rendimento dos mesmos nas disciplinas fique comprometido. Banir o dispositivo através de regras, na maioria das vezes é visto pelos alunos como um tipo de repressão, o que acaba estimulando ainda mais o uso como uma forma de reação. Claro que o objetivo desta observação não é defender a inserção de forma imprópria de tal ferramenta dentro do âmbito escolar, mas sim

trocar o autoritarismo pelo diálogo, e assim buscar formas de contextualizar dentro das metodologias, o “material” que o aluno traz consigo, e buscar formas de conscientização sobre como e em quais momentos encaixá-lo dentro da sala de aula, assim como ocorreu nesta aula de arte que foi mostrada no registro acima.

Logo após a sondagem e o registro de fotografias realizado pelas duas turmas em seus respectivos horários, o educador mostrou outros exemplos de intervenções. “Liberte seus sonhos”, idealizado por Gabriele Valente Feliz, que pode ser vista no primeiro capítulo da presente pesquisa, e “Amorifique-se” de Rodrigo Vianna e Paula Barbosa, que se desdobra tendo como um dos intuitos promover a troca de mensagens em uma praça pública, (trabalhos disponíveis no Jornal futura “A provocação do afeto”- Série Intervenções Artísticas Urbanas – Episódio 4, site do *youtube*), ganharam maior atenção das turmas. Foi neste momento que o educador achou pertinente estimular os alunos para que pensassem na construção de uma intervenção artística dentro da escola utilizando o tema “pluralidade cultural”. Foi pedido para a aula seguinte, que os alunos levassem uma pesquisa sobre arte urbana e que fizessem novas sondagens em suas comunidades em busca da linguagem em questão.

No encontro seguinte, o retorno da pesquisa não foi contemplado com sucesso visto que nenhum aluno entregou a pesquisa alegando esquecimento e outras justificativas. Devido a este acontecimento, o educador refletiu um pouco sobre o trabalho que não foi realizado pelas turmas, e percebeu que talvez não tenha obtido retorno pelo fato de que os alunos já haviam percorrido dentro da escola em busca de tais intervenções, e por isso, a curiosidade dos mesmos em buscar linguagens fora da escola já poderia ter sido sanada no momento em que encontraram o grafite na quadra de esportes. O professor pensou também na possibilidade de que talvez os alunos não estivessem interessados pelas discussões sobre diversidade, porém descartou a ideia já que desde o início a interação dos mesmos estava indo de acordo com o esperado.

Chegou-se agora em uma fase bastante importante no processo desta pesquisa. O embasamento teórico sobre a importância do tema relacionado a diversidade já estava concluído. Nesta fase, o foco se direcionou para a reflexão dos alunos quanto a construção de uma ou mais intervenções abordando as questões que permeiam a pluralidade cultural. Como foi dito anteriormente, as turmas já possuíam domínio sobre alguns conceitos de arte urbana e o educador aproveitou

É bastante visível no trabalho acima, a presença do grafite com a variedade de cores e formas que resultaram na composição. Pode-se dizer que os alunos se interessaram não somente pela técnica envolvida neste referencial escolhido, mas também pela dinâmica da intervenção que se desenvolveu com a participação de várias pessoas. Tal forma de evidenciar o trabalho envolvendo o público, logo despertou na classe o interesse pela busca de um local dentro da escola para que pudessem realizar suas próprias intervenções relacionadas ao tema proposto inicialmente.

E assim ocorreu. O primeiro passo foi a sondagem que resultou na escolha de um muro que faz a separação de um dos banheiros do pátio. Os alunos acharam que tal muro poderia ser o suporte ideal, já que possuía um tamanho propício e atrairia também muita visibilidade além reavivá-lo.



Figura 17: Muro escolhido pelos alunos para a realização do trabalho.

Após o suporte escolhido, o educador partiu em busca de orientações sobre a técnica que os alunos iriam utilizar, já que até então, o mesmo nunca havia tido experiência com o grafite.

Neste momento, o professor percebeu que estava frente a um novo desafio, pois como articular tal técnica que não fazia parte da sua bagagem e que foi imposta pela escolha dos alunos?

Primeiramente, as aulas dentro do laboratório de informática continuaram a acontecer e os conceitos da técnica em questão que seria desenvolvida, foram aprofundados com mais embasamento em relação as aulas introdutórias onde o grafite também foi citado, porém não explanado com a mesma intenção que se criou agora nesta fase, onde o mesmo se tornou muito presente na proposta dos alunos.

Foram realizados mais debates, e muitos foram em busca, dentro das próprias aulas, de conhecer artistas grafiteiros. Os alunos foram direcionados para que analisassem inúmeros trabalhos descobertos juntamente com o educador através da internet, e o foco se desdobrar para um olhar dentro da arte de rua existente nos muros da cidade de Uberlândia e as diversas maneiras de expressão e técnicas. Vejamos a seguir, a imagem de um vídeo disponível no youtube “De bairro em bairro” apresentado aos alunos pelo professor, onde a grafiteira Karen “kueia” formada pelo curso de Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia, conta como se deu a sua relação com a arte e o grafite.



Figura 18: imagem do vídeo “De bairro em bairro” com Karen “kueia” sendo mostrado aos alunos.

O educador percebeu que o vídeo funcionou como um mecanismo de estímulo na medida em que os alunos identificaram alguns trabalhos da artista que já haviam visto nas ruas, porém não sabiam de quem era a autoria. A reação de todos foi de muita euforia ao saber da história de Karen “kueia” e como ela entrou no

mundo da arte inserindo na sociedade a sua marca registrada, caracterizada pelos coelhos “humanos” espalhados pela cidade.

Contudo, a partir de todo embasamento, o educador se deparou novamente com a dificuldade de inserir a técnica dentro da proposta. As ideias da turma foram se desenvolvendo ainda mais, e então para a surpresa do professor, alguns alunos destacaram sobre um grafiteiro chamado Kiko, que foi o autor dos trabalhos encontrados na quadra de esportes da escola, e que, além disso, o mesmo já havia desenvolvido um projeto com a instituição.

No mesmo instante, todos propuseram que o chamasse para contribuir com o desenvolvimento do trabalho. O auxílio de Kiko seria muito importante, pois poderia se tornar um dos caminhos para driblar as dificuldades impostas pela técnica presente, e que por sinal não fazia parte das áreas de domínio do professor e nem dos alunos envolvidos.

Logo que o grafiteiro foi contatado, se mostrou bastante interessado, porém para o descontentamento de todos, não deu o retorno esperado. Na medida em que o tempo foi se passando, o professor planejava a busca por novas soluções. Era preciso encontrar algo que já fazia parte de seu repertório para que pudesse introduzir dentro da proposta do grafite, pois não havia tempo para se qualificar em tal técnica e os alunos esperavam ansiosos para dar início a construção da intervenção.

Após alguns dias de estudo, uma técnica que também é utilizada no grafite, surgiu como uma maneira de quebrar as barreiras impostas. O educador não possuía a técnica do “spray” para auxiliar os alunos, porém já tinha bastante familiaridade com o estêncil que poderia ser aplicado na parede através de rolos com tinta ou até mesmo pincéis.

A ideia foi muito bem recebida pelos alunos, e juntamente com o professor, iniciaram a sondagem sobre a técnica e suas possibilidades. A seguir um registro que conta mais um pouco sobre o estêncil dentro da proposta:

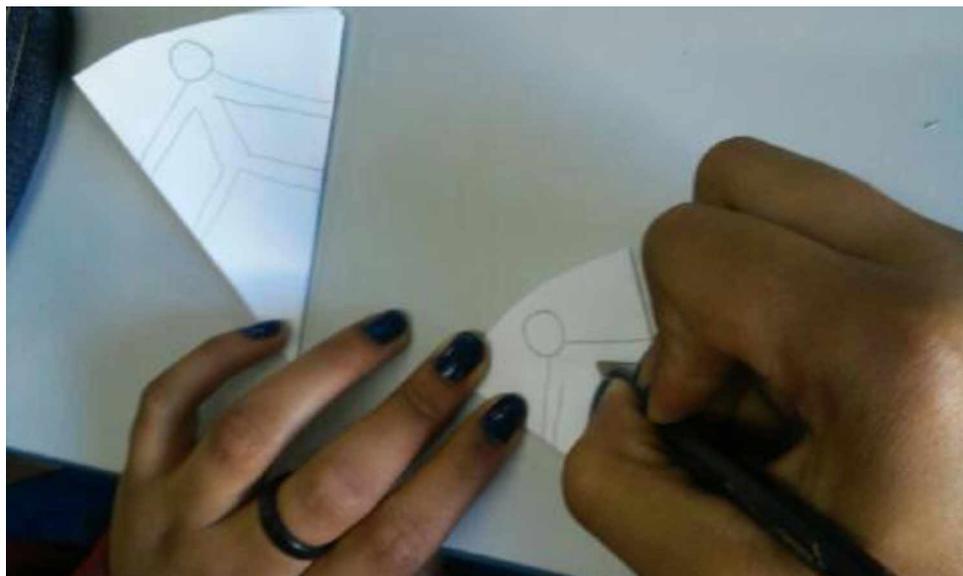


Figura 19: Alunos explorando a técnica do estêncil.

Depois de todo o estudo realizado, e de todo o material pronto, o momento mais esperado havia chegado. Enfim, todos partiram para a outra fase da intervenção. Primeiramente, o muro foi preparado com uma base de tinta cinza para pisos, que foi escolhida pelo fato de ser resistente a água e ao sol, já que o objetivo final da intervenção, também seria utilizar o próprio muro como uma espécie de lousa que poderia ser escrita e reescrita constantemente. Após tal preparo que foi realizado com a ajuda de um auxiliar da escola, iniciou-se a etapa da colagem do estêncil na parede. A seguir os registros:



Figura 20: Fase de preparo para a impressão do estêncil.



Figura 21: Estêncil fixado e pronto para impressão.

Após a fixação do material na parede, partiu-se para a escolha dos tons que fariam parte da composição. Foram cedidos pela escola os pigmentos primários, e com isso, os alunos puderam diversificar a paleta. Durante a mistura das tintas, o educador criou ali uma excelente oportunidade de abordar o estudo das cores e aproveitou para introduzir o conteúdo, estimulando os alunos a criarem suas próprias tonalidades. A seguir o registro:



Figura 22: Alunos na manipulação dos pigmentos.

A grande maioria estava muito ansiosa para a chegada do momento em que colocaria de fato a mão na massa. Depois de tudo pronto, com todas as orientações técnicas do professor de como deveria ser o manuseio dos pincéis e a quantidade de tinta a ser utilizada evitando os excessos para que não comprometesse o resultado do trabalho, surgiram inúmeros candidatos para iniciar a jornada. O interesse em fazer parte da atual fase foi bem maior que em alguns outros momentos, acredita-se pelo fato de que realmente começaria a execução da intervenção. Pode-se dizer também, que alguns não se sentiram muito a vontade para pegarem nos pincéis e trabalharem com as tintas, de modo que se desenvolveram melhor durante outras fases do processo.

É claro que surgiram alguns contratempos, pois a pouca quantidade de pincéis e o tamanho da parede que não suportava a quantidade total de alunos de uma só vez, resultou em uma escala de revezamento orientada pelo educador, com o objetivo de tornar possível a participação de todos os interessados. Segundo o professor, foi um pouco difícil controlar os alunos que não estavam tão comprometidos, e ainda se ater para a prática dos que estavam totalmente engajados. A seguir, o registro do envolvimento dos alunos:



Figura 23: Alunos realizando a impressão no muro através do estêncil e das tintas.



Figura 24: Alunos realizando a impressão no muro através do estêncil e das tintas.

Depois de toda a impressão finalizada, o conjunto de estêncil foi retirado. Para o espanto e descontentamento de muitos, o resultado não foi como o esperado. Apesar das instruções para os cuidados durante a aplicação da tinta e o modo de manipular os pincéis, o material do estêncil criado não foi o mais adequado devido a falta de alguns recursos, mas mesmo assim, ainda conseguiu atender na medida do possível às necessidades da proposta. Contudo, infelizmente os contornos da composição ficaram comprometidos até o momento em que o educador aproveitou deste ocorrido visto até então como um fracasso, para torná-lo em um estímulo aos envolvidos. Com isso, os mesmos foram instruídos para a execução do acabamento a mão livre, com o objetivo não somente de fazer as correções, mas sim de continuar a correção e acabar com a insegurança e o medo de explorar as possibilidades do pincel fora da zona de conforto. O acabamento ficou incrível e superou as expectativas de todos. A seguir os registros:



Figura 25: Alunos realizando o acabamento das impressões.



Figura 26: Alunos realizando o acabamento das impressões.

A última etapa do processo se deu com a participação do público da escola. Os alunos poderiam ter finalizado o muro com as suas próprias escrituras, porém preferiram estimular a participação de outras pessoas na intervenção. Por isso, criar

um título relacionado a temática da proposta, foi de extrema importância para o entendimento de quem passasse por ali, e com isso contribuir com o trabalho. A seguir, a imagem da proposta intitulada : “A sociedade precisa de...”



Figura 27: Aluna escrevendo o título da intervenção.

Iniciou-se então a participação do público. Os alunos programaram o acontecimento para que se desdobrasse durante o intervalo das aulas de modo que a escola toda percebesse o que poderia estar ocorrendo naquele espaço demarcado pela proposta. E assim ocorreu. No momento em que o recreio foi sinalizado, a turma preparou todo o material e se dividiu em grupos para atrair o público até o local e também estimulá-lo de acordo com a temática da intervenção. A música em alto e bom som, foi um fator que se instaurou de forma muito súbita pelos alunos e obteve um resultado muito positivo, já que a mesma se encaixou também como uma ferramenta para promover a aproximação das pessoas. A seguir as imagens:



Figura 28: Público se interagindo com a intervenção.



Figura 29: Registros realizados pela participação do público.

Pode-se dizer que a reação das pessoas foi de muita euforia quando perceberam que podiam intervir através de seus próprios registros. Assim, devido a grande participação da escola, a turma responsável pelo trabalho chegou a conclusão de que fizeram a escolha correta ao envolver na proposta todos os que representam aquele espaço, pois a possibilidade de estímulo que criaram não só para eles mesmos, mas para toda a escola a partir de um fazer artístico, desencadeou uma conscientização geral em torno de todas as questões que envolvem a diversidade em muitos aspectos, e que se faz presente quotidianamente no ambiente de estudo em que estão inseridos.

Foi com grande prazer que o educador pôde orientar e se orgulhar com o resultado obtido, e assim, esperar pela execução da outra turma que já estava esperando ansiosa para o acontecimento.

Primeiramente vale destacar que as intervenções não ocorreram no mesmo dia, porém se nos efetivaram mesmos horários. As turmas responsáveis pelos trabalhos não acharam viável duas execuções acontecendo juntas devido ao pouco tempo do recreio, e por isso estabeleceram juntamente com as orientações do professor, que as intervenções acontecessem em dias diferentes.

A seguir, o processo de todo o trabalho da intervenção proposta pela outra turma que foi intitulada de: Troque seu ódio por amor. Como já se sabe, tal trabalho também foi uma releitura a partir de uma das referências abordadas em sala. A seguir, a imagem do referencial:



Figura 30: Imagem da intervenção "Amorifique-se"

Na intervenção “Amorifique-se”, representada na imagem acima, os artistas despertaram o público para a afetividade. Por isso, as pessoas que deixavam ali suas mensagens de amor, podiam levar consigo outra em troca. A partir de todo esse contexto envolvendo a questão afetiva expressa na ação de tais artistas, os alunos do 9ºA responsáveis também pela criação de uma intervenção, decidiram que seria muito pertinente juntar afetividade com diversidade. Foi então que surgiu o primeiro elemento do trabalho: o título.

Após a escolha do título já destacado anteriormente: Troque seu ódio por amor, os alunos iniciaram a sondagem pelo local onde realizariam a intervenção. Se tratando também de uma releitura, saíram juntamente com o professor em busca de mecanismos para que fosse possível encaixar alguns elementos vistos na referencia dentro do tema central proposto para o desenvolvimento do trabalho. Claro que a afetividade em si já tem alguma familiaridade com a temática escolhida, porém o objetivo dos alunos era de destacar e promover também a conscientização para as questões que permeiam a pluralidade de culturas. A seguir, o registro do local escolhido:



Figura 31: Palco localizado no pátio da escola.

O palco do pátio, sem dúvidas foi uma excelente escolha. O local é o mais frequentado, já que se caracteriza pela parte central da escola e se localiza ao lado

da cantina onde a maioria dos alunos comem a merenda. Com isso, a visibilidade da intervenção já estaria garantida.

A construção se concretizou a partir do momento em que a turma estabeleceu quais mecanismos iriam utilizar para montar o cenário da intervenção. O primeiro passo foi o estímulo gerado pelo educador para que eles obtivessem novas ideias a partir do referencial escolhido.

O processo foi se desdobrando gradativamente. De início, a turma fez os recortes nos quais registrariam os recadinhos relacionados ao tema central estabelecido, assim como na intervenção tida como referência. A seguir, o registro:



Figura 32: Alunos confeccionando materiais para a intervenção.

Após realizada esta etapa, os alunos se envolveram na construção do cenário. A ideia era confeccionar um painel da largura do palco no qual pudessem escrever o título da intervenção e fixar os bilhetes do público no momento da execução final. Os envolvidos escolheram o papel pardo, pois além do mesmo ser muito versátil e com grandes proporções, a escola sempre o possui para oferecer. Depois de medir o tamanho do espaço, os alunos recortaram o papel nas medidas ideais e então partiram para confeccioná-lo. A seguir, o registro realizado:



Figura 33: Alunos confeccionando materiais para a intervenção.

Foi de extrema importância que assim como o título, fosse expressada através de símbolos a temática central do trabalho, por isso muitos outros recortes, a utilização de tintas, estêncil e até mesmo a tentativa de impressões do próprio corpo, surgiram de modo que caracterizaram com bastante ênfase o objetivo do trabalho. A variedade de cores utilizada, também foi um fator muito significativo para valorizar ainda mais a questão da diversidade que se faz presente em tudo que nos rodeia. A seguir, mais imagens da elaboração do painel:



Figura 34: Aluna confeccionando parte do material para a intervenção.



Figura 35: Aluna confeccionando parte do material para a intervenção.

Quanto a interação dos alunos com a construção do trabalho, assim como na outra turma, alguns se resolveram melhor em determinadas fases da proposta, nesta por exemplo, devido ao pouco envolvimento de alguns, o educador dividiu a turma em grupos responsáveis por diferentes tarefas. Assim, os que não se sentiam a vontade para determinada função, podiam se encaixar facilmente em outra. A seguir o exemplo:



Figura 36: Aluno(a) desenvolvendo parte do material para a intervenção.

Tal divisão de tarefas a partir de grupos, resultou em uma maior interação com a proposta de modo que muitos envolvidos contribuíram de alguma forma para a realização do trabalho. Nesta imagem acima por exemplo, um grupo de alunos iniciou a elaboração dos diferentes formatos e símbolos de papéis no qual registraram os dizeres relacionados ao tema proposto e que mais tarde na execução da intervenção puderam intermediar a troca com o público. Os alunos foram orientados para que pesquisassem ou escrevessem com suas próprias palavras o conteúdo relacionado a diversidade já que passaram por todo um processo de conscientização e embasamento teórico referente a temática, tal embasamento que foi transmitido através de abordagens metodológicas do educador no início de todo o processo. Nos recortes se destacaram muitas palavras relacionadas ao respeito, conscientização, discriminação, amor ao próximo entre outras. A seguir mais um exemplo:



Figura 37: Aluna realizando registros em parte do material desenvolvido para a intervenção.

Durante esta fase de confecção de materiais, os alunos perceberam a necessidade de projetar um outro painel para sinalizar ainda mais a intervenção e envolver todo o espaço do pátio e não somente o espaço do palco. Por isso, com a utilização novamente do papel pardo e com o auxílio de algumas tintas, os envolvidos construíram mais uma ferramenta para agregar mais valor ao trabalho, de modo que o mesmo pudesse transmitir mais significado ao público participante. A seguir o registro do fato descrito acima:



Figura 38: Alunos agregando mais materiais para a intervenção.

Após alguns dias estabelecidos apenas para o processo de construção e organização de todo o aparato para a execução da proposta, assim como a outra turma da intervenção relatada anteriormente, os alunos do trabalho em questão também ficaram muito ansiosos para o resultado final com a participação do público que faria de fato a intervenção acontecer. A organização de todo o espaço para o acontecimento foi antes planejada e depois realizada pela turma no dia programado minutos antes do intervalo. Novamente, a turma se dividiu em grupos para a montagem de todo o cenário e com muita agilidade terminaram tudo no tempo previsto. A seguir os registros da caracterização do espaço:



Figura 39: Aluna contribuindo com a montagem da intervenção.



Figura 40: Alunos fixando painel para a intervenção.

Durante o percurso, surgiram mais elementos constituintes da proposta. A imagem acima destaca não somente um dos painéis, mas também várias frases de conscientização fixadas no chão que se resultou em um caminho que levou parte do público para o centro do trabalho durante a execução da intervenção. A imagem a seguir demonstra como os alunos organizaram a composição de tais frases fixadas no chão:



Figura 41: Alunos fixando frases no cenário da intervenção.

Estava tudo pronto. Enfim, o intervalo havia começado e tudo estava organizado. Uma parte da turma responsável pela intervenção se posicionou no palco para a espera do público, e a outra foi em busca do mesmo e informá-lo sobre

o que estava acontecendo. A música, assim como na intervenção da turma anterior, surgiu subitamente através dos alunos e foi uma ferramenta que contribuiu muito para atrair as pessoas e criou uma dinâmica bastante interessante entre o público e o trabalho. Não demorou nada para muitos curiosos se aproximarem e descobrirem o que estava ocorrendo. De repente, o palco estava repleto de participantes escrevendo suas mensagens com referencia na temática explícita pelo cenário criado pelos idealizadores da proposta. Por fim, muitos confeccionaram os registros que foram fixados no painel central do palco. O objetivo foi cumprido, a intervenção se concretizou e ainda possibilitou uma incrível troca social entre todos os envolvidos.

A seguir, alguns registros do momento descrito acima:



Figura 42: Público se relacionando com a intervenção.



Figura 43: Painel com registros realizados pelo público participante.

O empenho de uma das alunas na construção e execução da intervenção, despertou a atenção do educador quando após o término da ação, a estudante tomou a iniciativa de entrar em todas as salas de aula da escola para explicar mais uma vez sobre o ocorrido, e ainda promover mais conscientização em relação à temática em questão. O professor ficou muito surpreso com a espontaneidade que moveu a aluna para tal manifesto, e a acompanhou para registrar um dos momentos que pode ser conferido na imagem abaixo:



Figura 44: Aluna explicando sobre a intervenção ocorrida e promovendo conscientização dentro das salas de aula.

O resultado deste trabalho foi realmente muito satisfatório não somente para o educador. Seria uma oposição a todos os argumentos defendidos pela presente pesquisa, dizer que o educador cumpriu com o seu objetivo, já que o ideal movido por ele foi justamente o rompimento com qualquer característica do ensino autoritário e tradicional. Por isso, é muito relevante destacar que a satisfação foi um fator correspondente as expectativas de todos os alunos responsáveis e idealizadores não somente desta proposta relatada acima, mas também da anterior.

5. AVALIAÇÃO

Ainda hoje a avaliação atinge um alto grau de “controle”, refletindo o autoritarismo presente no sistema de ensino, através da verificação do conhecimento que o aluno “deveria dominar”, e garantindo a disciplina e obediência ao professor, assim como fixando formas de pensar e de agir dos alunos, nas tarefas que lhe são delegadas.²⁷

Tal autoritarismo refletido ainda em algumas avaliações utilizadas por educadores com certeza reflete bastante na maneira como o aluno enxerga e vivencia o cenário educacional. As temidas provas que são idealizadas para testar o conhecimento, cumprem bem o seu papel de direcionar a obrigação do aluno em *treinar* a si próprio para que o mesmo garanta pelo menos a média de notas, e por conseguinte, o seu lugar dentro de uma universidade e até mesmo no mercado de trabalho.

Do ponto de vista docente, com o controle da avaliação, o professor se vê obrigado a dar conta dos objetivos e conteúdos programáticos propostos, por fazerem parte do ementário, do programa, mesmo quando percebe que os mesmos não têm sentido para o aluno ou para a futura profissão.²⁸

É claro que muitos professores não veem sentido em alguns métodos de avaliação, porém como faz parte do dever cumprir com as obrigações impostas pelos programas, os mesmos procuram o caminho da obediência, e muitas vezes mesmo contrariados, encenam para os educandos tentando mostrar de alguma forma, que alguns meios avaliativos com bases tradicionais são de importância para o desenvolvimento da aprendizagem.

Assim, a avaliação ocorrendo apenas como instrumento de controle social, não pretende ser auxílio nem para o professor, nem para o

²⁷ ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **AVALIAÇÃO, ENSINO e APRENDIZAGEM: anotações para um começo de conversa.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3258627/mod_resource/content/1/AVALIA%C3%87%C3%83O%20%20ENSINO%20E%20APRENDIZAGEM.pdf> Acesso em: 21.nov. 2017.

²⁸ ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **AVALIAÇÃO, ENSINO e APRENDIZAGEM: anotações para um começo de conversa.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3258627/mod_resource/content/1/AVALIA%C3%87%C3%83O%20%20ENSINO%20E%20APRENDIZAGEM.pdf> Acesso em: 21.nov. 2017.

aluno, acabando por constituir-se em “uma arma contra o aluno, (...) a favor do sistema social”. (ETGES, 1986 : 12) ²⁹

Pode-se dizer então, que devido a tal ocorrência da avaliação apenas como um instrumento de controle social, a cada dia os alunos estão se tornando máquinas batedoras de metas e fazedoras de notas sem se darem conta da importância de refletir sobre os achados durante todo o percurso do conteúdo. De qual seria a serventia e importância de uma avaliação pautada nos conhecimentos, experiências e trocas sociais adquiridas durante o percurso de um conteúdo, se para a maioria das instituições de ensino e até mesmo para o mercado de trabalho, existe a necessidade de sugar do indivíduo somente o conhecimento memorizado por meio de abordagens tradicionais e autoritárias?

Os alunos foram avaliados durante todo o processo". Esta afirmação é feita de maneira frequente pelos professores, mas pode soar vaga a área de Arte, bem como para as outras áreas de conhecimento. Apesar disso, refletir sobre a avaliação processual é muito importante e nos ajuda a observar o lugar que o processo de criação ocupa no ensino e na aprendizagem dessa disciplina.³⁰

Mesmo levando em consideração alguns aspectos negativos quanto a forma já levantada referente a avaliação dentro de todo o contexto educacional e não somente referente ao campo da arte, é preciso deixar claro, que o ato de avaliar não se torna desnecessário caracterizando-se em uma ferramenta abominável. Direcionando o foco especificamente para a disciplina artística, é claro que existem inúmeras formas de se aplicar uma avaliação que seja favorável a aprendizagem do educando.

Vivemos em um tempo no qual produtos e resultados são supervalorizados. E é importante destacar que produtos finais nem sempre revelam as aprendizagens dos estudantes. Por isso, precisamos pensar em como avaliar os processos de criação, levando em consideração sua dimensão subjetiva.³¹

²⁹ ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **AValiação, ENSINO e APRENDIZAGEM: anotações para um começo de conversa.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3258627/mod_resource/content/1/AVALIA%C3%87%C3%83O%20%20ENSINO%20E%20APRENDIZAGEM.pdf> Acesso em: 21.nov. 2017.

³⁰ SZPIGEL, Marisa. **Instrumentos para a avaliação processual em Arte.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1783/instrumentos-para-a-avaliacao-processual-em-arte>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

³¹ SZPIGEL, Marisa. **Instrumentos para a avaliação processual em Arte.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1783/instrumentos-para-a-avaliacao-processual-em-arte>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

É de extrema necessidade que o educador proponha meios de avaliação que identifiquem as potencialidades do aluno e suas individualidades perante o desenvolvimento da criação. Com isso, o resultado não se torna um fator principal, mas pode surgir como consequência de todo um trabalho articulado dentro de uma determinada proposta pautada dentro dos interesses dos educandos, do mesmo modo como ocorreu nas intervenções artísticas realizadas para a presente pesquisa.

Expor trabalhos e fazer apresentações pode ser, sim, uma estratégia de avaliação processual. A ideia pode ser contraditória, uma vez que as duas situações têm como objetivo tornar público o produto final. Mas é bom lembrar que os próprios artistas consideram o momento de apresentar a produção ao público uma etapa significativa do processo de criação.³²

O resultado final nem sempre pode ser visto como um fator negativo, pois isso dependerá de como o educador irá direcioná-lo, assim como a avaliação. Em algumas propostas artísticas como é o caso das que fazem parte da presente pesquisa, o efeito acaba se tornando parte do processo, pois com as intervenções que ocupam determinados espaços com o objetivo de propor uma relação e a participação do público, se torna imprescindível a contemplação de um resultado que neste momento não se concretizará pelos alunos mas sim pelos participantes. Tal desdobramento final sem dúvidas agregará muitas reflexões aos idealizadores quanto ao processo de construção e significação da obra.

Contudo, para a presente pesquisa, os meios de avaliação propostos pelo educador foram todos pautados na preocupação com processo da aprendizagem dos alunos e com os significados que os mesmos poderiam agregar em suas bagagens, de forma que pudessem se apropriar do pensar e fazer artístico promovendo a quebra de conceitos tradicionalistas.

Infelizmente, não foi possível o rompimento total com o autoritarismo imposto ainda pelas instituições como já foi demonstrado em alguns parágrafos acima. Ao fim da jornada, foi preciso que o educador cumprisse com o sistema. Por isso, o mesmo estruturou e articulou uma avaliação bimestral, porém utilizando tal método não com o objetivo de testar os educandos quanto ao conteúdo, mas sim de levá-los

³² SZPIGEL, Marisa. **Instrumentos para a avaliação processual em Arte**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1783/instrumentos-para-a-avaliacao-processual-em-arte>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

a prática de relatar e argumentar as suas próprias experiências, contribuindo mais ainda para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação as propostas realizadas e conseqüentemente ao conteúdo artístico.

A seguir alguns trechos dos relatos:

Kassandra, 9^oA. Escola Estadual sete de setembro, Uberlândia-MG, junho de 2017:

-Primeiro nós fomos para a sala de informática e o professor passou alguns vídeos. Depois nós conversamos e escolhemos como seria nossa intervenção.

Micaelle, 9^oA:

- A gente começou a fazer na hora do recreio. A gente ficou lá em cima do palco e os alunos de outras salas escreveram frases, e nós colocamos no mural. Nós escrevemos algumas também. O professor tirou algumas fotos, foi muito legal.

Anna Luiza, 9^oA:

-Quando fomos fazer os cartazes foi a maior bagunça, mas foi legal. Pintamos, colamos e todos trabalharam juntos para ajudar.

Virginia, 9^oA:

- No dia que tudo aconteceu foi o melhor dia. Anunciamos para tudo acontecer. Foi um sucesso. Todos amaram, se divertiram e escreveram. Quando acabou tudo, pegamos algumas folhas e colamos nas salas. Elas tratavam de diversidade, amor e preconceito. Enfim, as aulas de artes foram ótimas, bem animadas e quero que continue assim.

Luiza, 9^oA:

- No dia que debatemos sobre o racismo foi um bom assunto, porque algumas pessoas da nossa sala, e de nossa convivência também sofrem com isso e sofrem com o bullying. Na minha opinião, aula de artes não é só pintar ou desenhar alguma coisa. É também abordar alguns assuntos que também fazem parte do nosso cotidiano.

Ana Julia, 9^o B:

- Depois vimos outros vídeos só que sobre grafite e depois disso fomos ver os grafites que tem na nossa escola. Então na outra aula nós discutimos sobre a nossa intervenção e fizemos alguns recortes. Na outra aula começamos a pintar a parede...

Matheus 9^oB:

-Gostei muito do nosso trabalho, é um belo incentivo para as pessoas mudarem.

Maria Eduarda 9^oB:

- O nome escolhido para nossa intervenção foi "a sociedade precisa de..." que é um tema relacionado a pluralidade cultural que tem a ver com racismo, preconceito e etc.

Keite Elen: 9^o B:

- Fizemos de várias cores e todos da sala pintaram o muro. Após tudo isso, contornamos o desenho para finalizar...

6. CONCLUSÃO

O modelo de aprendizagem quanto ao ensino artístico apresentado pela bagagem dos alunos desde o início do ano letivo até a chegada da autonomia dos mesmos dentro do processo de criação, era bastante relacionado ao tradicionalismo até mesmo nas formas de se pensar a arte. Para a grande maioria, a disciplina era basicamente caracterizada por técnicas de desenho ou pintura. Até então, levantar aspectos críticos com relação a arte e englobá-la dentro de outros contextos era algo que parte dos alunos não possuíam conhecimento.

Conclui-se com a presente pesquisa em arte, que o objetivo do educador em propor a realização de uma diferente abordagem metodológica levando como principal característica a inserção do aluno como um ser pensante e contribuinte dentro do conteúdo artístico através da arte contemporânea, foi aos poucos se contemplando de acordo com os estímulos gerados pelo planejamento do educador no decorrer das intervenções artísticas criadas pelos alunos e vivenciadas pelos mesmos dentro da escola.

A didática aplicada pelo professor desde a introdução dos conceitos da arte contemporânea até a mediação da proposta desenvolvida na presente pesquisa, foi então se desdobrando positivamente de modo que os alunos, mesmo com as dificuldades impostas pelo novo papel de se tornarem ativos mediante ao contexto em questão, ainda sim conseguiram ultrapassar muitos limites da mera passividade diante do conteúdo. Pode-se dizer que o resultado de todo o trabalho articulado em meio a pluralidade cultural relatado dentro desta pesquisa proposta pelo educador, ampliou significativamente a visão e participação do aluno nos variados meios de se estudar, perceber, e fazer arte.

7. BIBLIOGRAFIA

_____. **Artes Plásticas na ditadura**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/artes-plasticas/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **AVALIAÇÃO, ENSINO e APRENDIZAGEM: anotações para um começo de conversa**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3258627/mod_resource/content/1/AVALIA%C3%87%C3%83O%2C%20ENSINO%20E%20APRENDIZAGEM.pdf> Acesso em: 21.nov. 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação: Conflitos/ Acertos**. Editora: Max Limonad. 1988.

BARJA, Wagner. **Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. Artigos de opinião. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008 213. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/816/2359>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

Ferraz, Maria Heloisa. **Metodologia do Ensino De Arte - Fundamentos e Proposições**. Ed. Cortez. 2ed.

FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. Universidade Nove de Julho / SP. (doutoranda). 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Bebezinha/Dropbox/bia%20e%20rafa/TCC/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. ArchDaily Brasil. Rio de Janeiro. 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. Olhos d'agua. 1997.

FREITAS, Sicília Calado. **Arte, cidade e espaço público: perspectivas estéticas e sociais**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/SiciliaCaladoFreitas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. Ed. Esplan. 14ed. 1995.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado - Processo de criação artística**. São Paulo: Intermeios, 2012.

SZPIGEL, Marisa. **Instrumentos para a avaliação processual em Arte**. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/1783/instrumentos-para-a-avaliacao-processual-em-arte>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

ANEXO I

JORNAL FUTURA – SÉRIE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS/ O ESPAÇO PÚBLICO E O PÚBLICO NO ESPAÇO.

TEMA: CURATIVOS URBANOS

NARRADOR: “O palco das intervenções urbanas é o espaço público. Sem cortinas nem cadeiras marcadas, mas com chão. Chão que ganha de algumas mãos, curativos gigantes. Esses arquitetos e designers estão juntos desde 2012 para fazer um tratamento nos machucados das calçadas de São Paulo e chamar as pessoas para apoiar essa cura.



Figura 45: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>



Figura 46: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>

RAFAELLA WOLF (*Arquiteta- curativos urbanos*): A primeira palavra é cuidado. Cuidado com a cidade, então vem o cuidado e você já pensa em curativo, e aí veio a ideia do coraçõzinho. Teve todo esse cuidado de cor, de criatividade. Além de tudo, as pessoas sentiram uma emoção sabe. Começar a pensar na cidade de outra maneira.



Figura 47: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>

RENATO FORSTER (*Design – curativos urbanos*): A gente escolhe normalmente pontos da cidade que são bem movimentados, que é para poder chamar mais atenção das pessoas.



Figura 48: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>

ANA CAROLINA ANGOTTI (*arquiteta – curativos urbanos*): Todas as cidades tem que garantir a acessibilidade, acesso universal para qualquer pessoa, seja para mãe com carrinho, deficiente físico, criança, qualquer tipo de pessoa.



Figura 49: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>

RENATO FORSTER: Um dos primeiros curativos que a gente colocou foi na Paulista. Dois dias depois a gente chegou lá e estava consertada a calçada.



Figura 50: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WlangK58>

RAFAELLA WOLF: A aplicação tem que tomar algum cuidado, porque você não pode colar em cima do buraco. Então a gente coloca no ladinho para sinalizar mesmo: “olha, ali tem um buraco, presta atenção”. Cantinho do buraco, com dois pinguinhos de cola, um em cada canto, e aí tem que tomar cuidado depois de vir no dia seguinte para ver se ainda tem algum colado, se ficou algum resto pela cidade para não sujá-la.



Figura 51: <https://www.youtube.com/watch?v=CY-WIangK58>

ANEXO II

JORNAL FUTURA – SÉRIE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS/ A
PROVOCAÇÃO DO AFETO

TEMA: LIBERTE SEUS SONHOS

NARRADOR: Existem intervenções urbanas que provocam através do afeto. É o caso do projeto “Liberte seus sonhos” que fez de muros decadentes do Rio de Janeiro, um espaço poético de intervenção.



Figura 52: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 53: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

GABRIELE VALENTE (*Arte-educadora-Liberte seus sonhos*): Eu era ex-moradora do prédio bem aqui na frente, então era um muro que eu ficava olhando sempre para ele. Então eu já meio que namorava esse muro, mas ele era um lixão, um banheiro público e depósito de lixo. Depois a gente fez uma mobilização comunitária, cada um entrou com alguma coisa. Eu fiz uma chamada nas redes sociais, e busquei por artistas. E foi muito lindo, em duas semanas e onze dias de mobilização, a gente fez isso se tornar real.



Figura 54: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

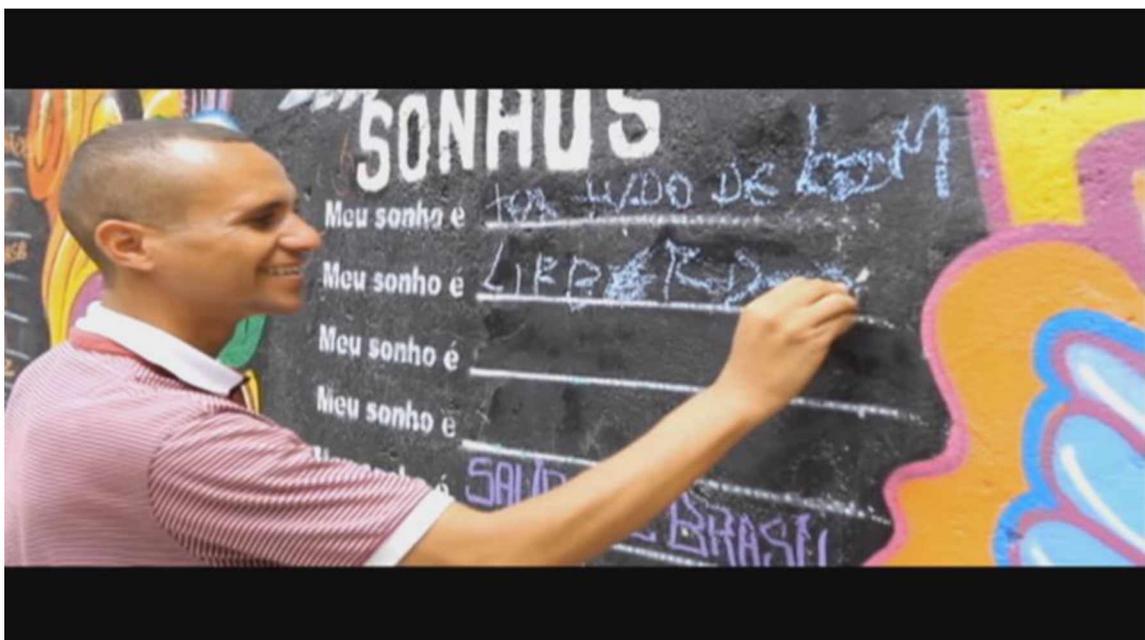


Figura 55: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 56: Figura <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

ALINE CAMPBELL (*Artista plástica – liberte seus sonhos*) : Foi a minha primeira vez colocando a minha arte na rua e já tem um ano agora e as linhas estão lá, durando a tempestade, sol, intocáveis, ninguém mexeu, ninguém puxou, está lindo.

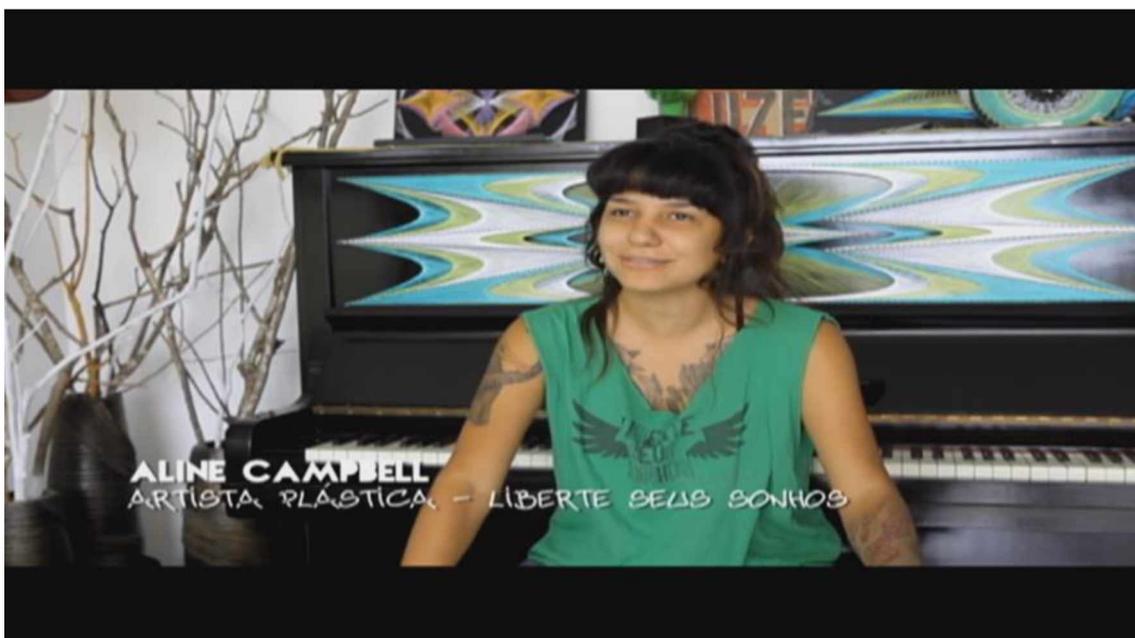


Figura 57: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

GRABRIELE VALENTE (*Arte-educadora-Liberte seus sonhos*): Eu acho que o meu maior sonho é transformar a educação. É mostrar que a rua também é um espaço educador, é um espaço que outras coisas podem acontecer. Não é só um lugar de medo e que eu preciso atravessar a rua porque esse espaço está todo sujo e as pessoas o utilizam de outras maneiras. De repente um pouquinho de cor, se agente põe umas cadeiras, a gente cria outro espaço.



Figura 58: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

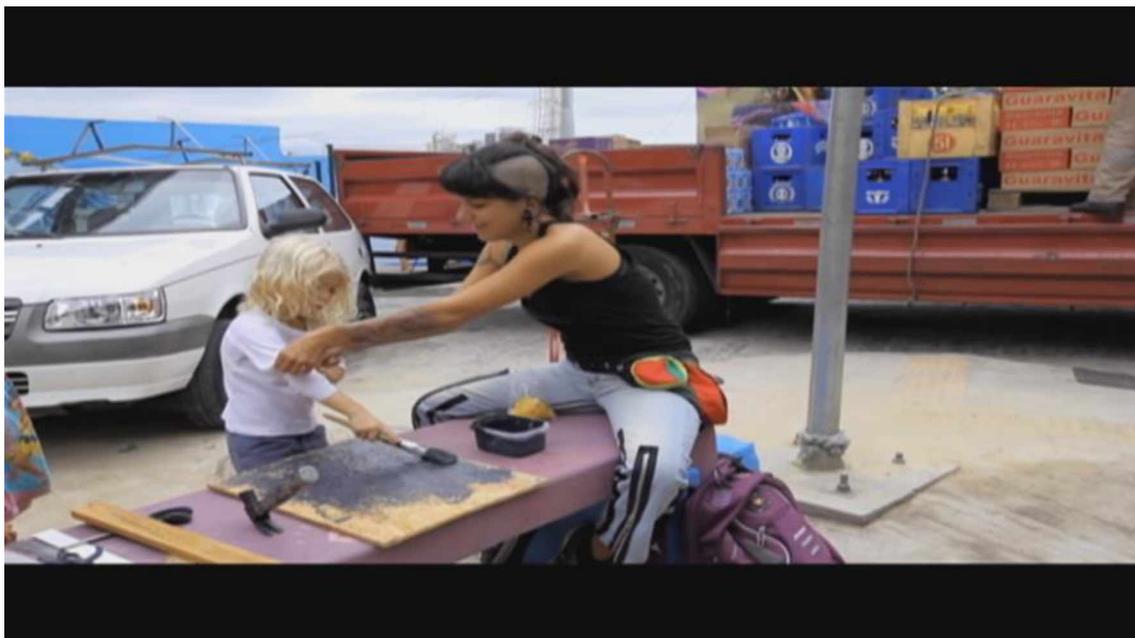


Figura 59: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

KEITH SOARES (Moradora do morro da Providência – RJ): Quando eles pintaram o muro desse prédio aqui, que é a parte que seria mais visada se o teleférico estivesse funcionando, muita gente fala assim: meu sonho é não sair da onde eu nasci.

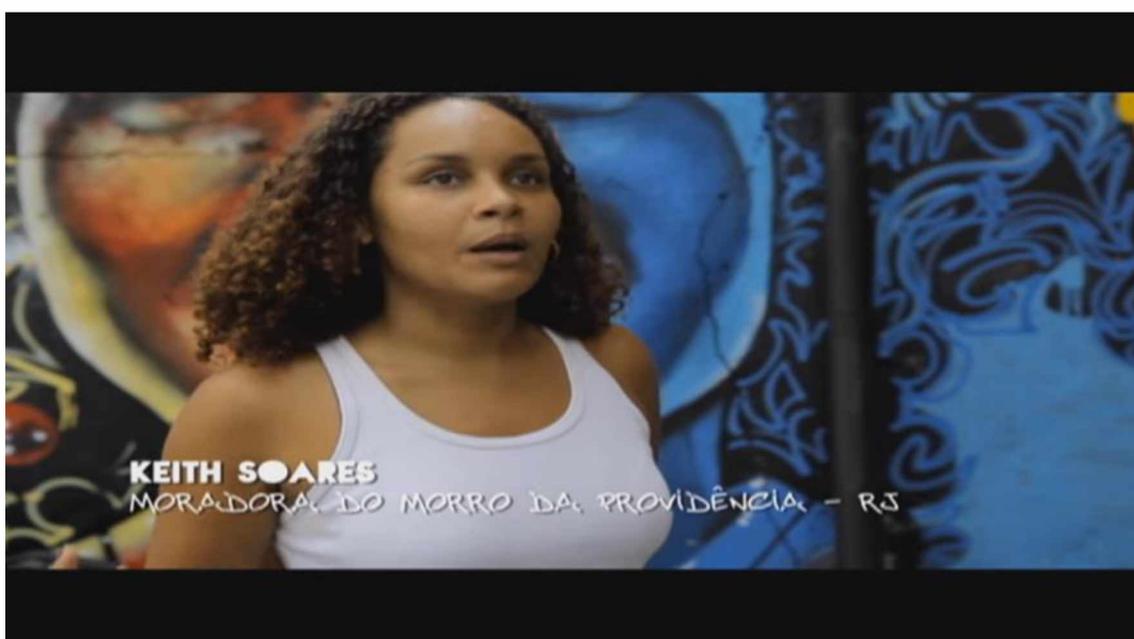


Figura 60: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

GABRIELE VALENTE (*Arte-educadora-Liberte seus sonhos*): Eu acho que o sonho vem muito daí também né, não só aquele sonho que a gente sonha lá de noite que muitas vezes é uma mensagem também. Mas o sonho que a gente sonha acordado, que a gente faz todo dia, ele é muito mais poderoso.



Figura 61: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 62: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

TEMA: AQUI BATE UM CORAÇÃO

NARRADOR: Em um ano, o coletivo aqui bate um coração, fez pulsar estátuas de 50 cidades no Brasil e no mundo. Isso tudo com ajuda da internet e do desejo das pessoas de espalhar amor por aí.



Figura 63: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 64: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

RODRIGO GUIMA (*criador do aqui bate um coração*): O aqui bate um coração surgiu em 2012 quando veio de um contexto de questionamento muito pessoal meu e de amigos que vivem em São Paulo sobre como anda a vida das pessoas na cidade, como elas estão se relacionando, porque que elas andavam tão individualistas... E vem o Criolo e ainda imprime a célebre frase : “não existe amor em SP”. E a gente começou a questionar, como assim não existe amor em São Paulo? Quando colocávamos o coração na estátua, tirávamos uma foto porque queríamos que os amigos soubessem o que estávamos fazendo. Mas enfim, um seguiu o outro e as pessoas foram vendo, e a coisa foi tomando uma proporção muito maior e então começamos a receber mensagens de pessoas de outras cidades falando : Eu vou fazer o movimento na minha cidade, como eu faço? Então a partir daí, eu comecei a criar grupos fechados também em redes sociais, e nesse um ano e meio foram cinquenta cidades, isso tudo graças a propagação nas redes sociais.



Figura 65: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

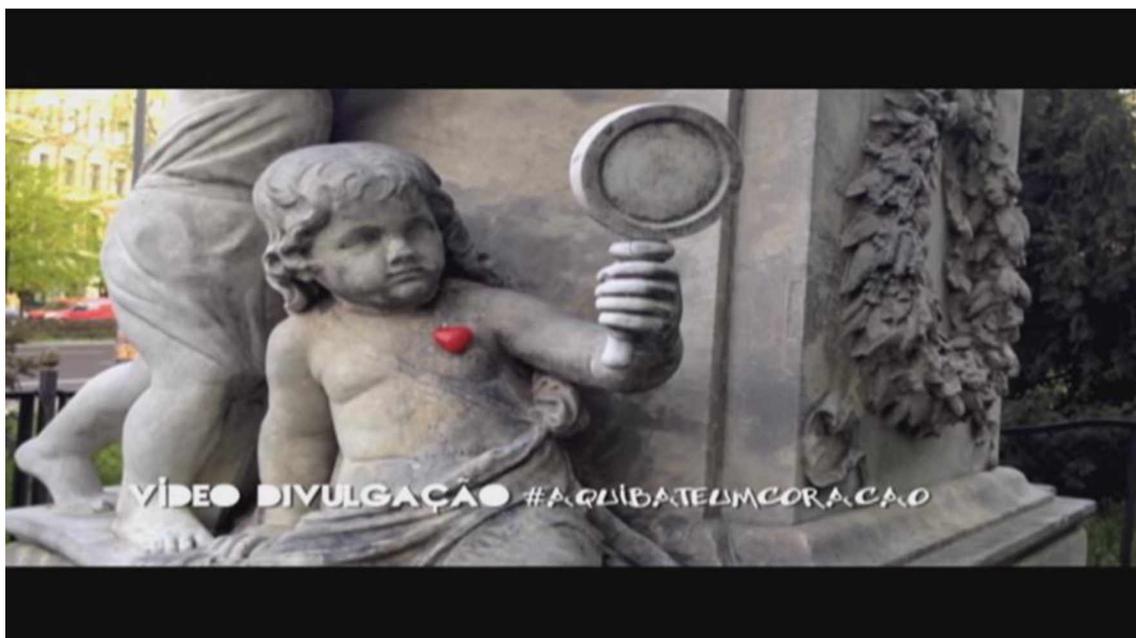


Figura 66: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

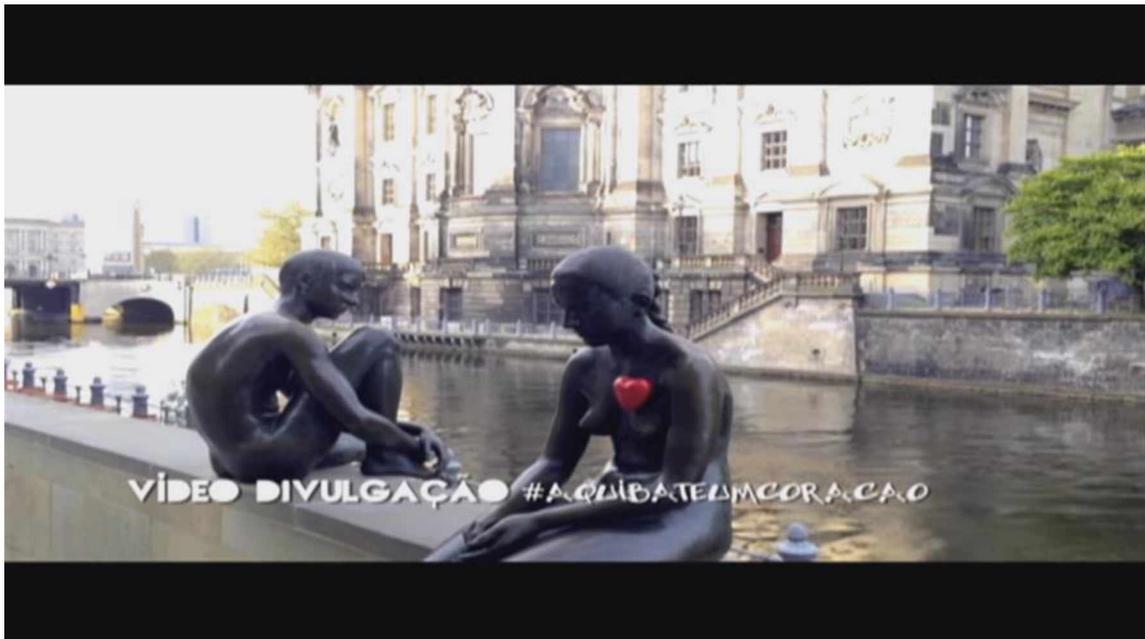


Figura 67: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

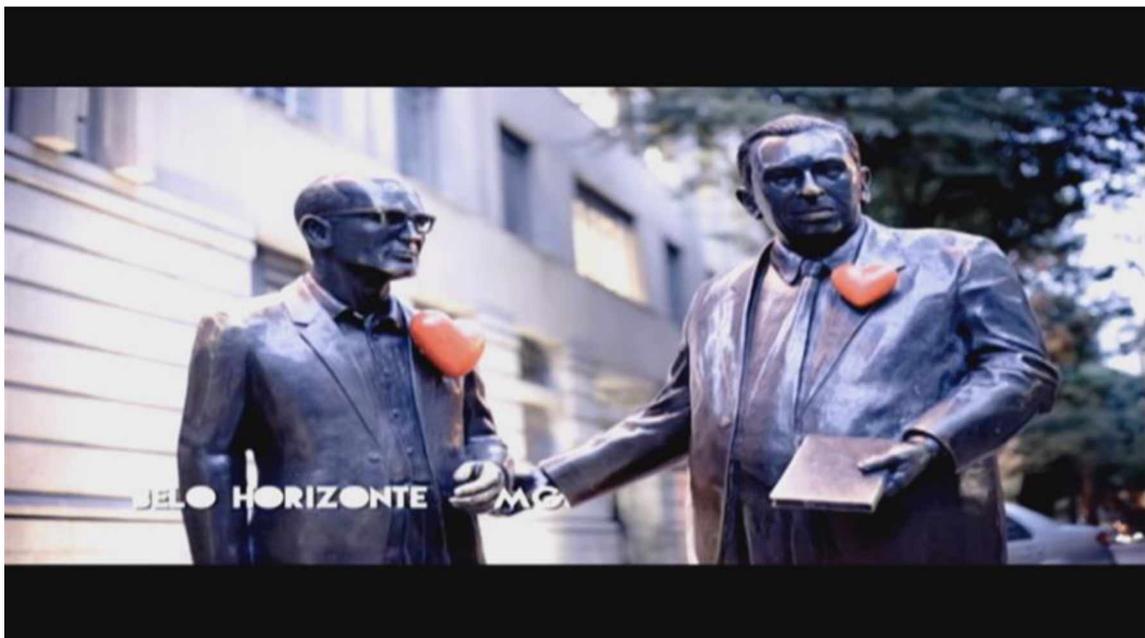


Figura 68: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 69: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 70: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>

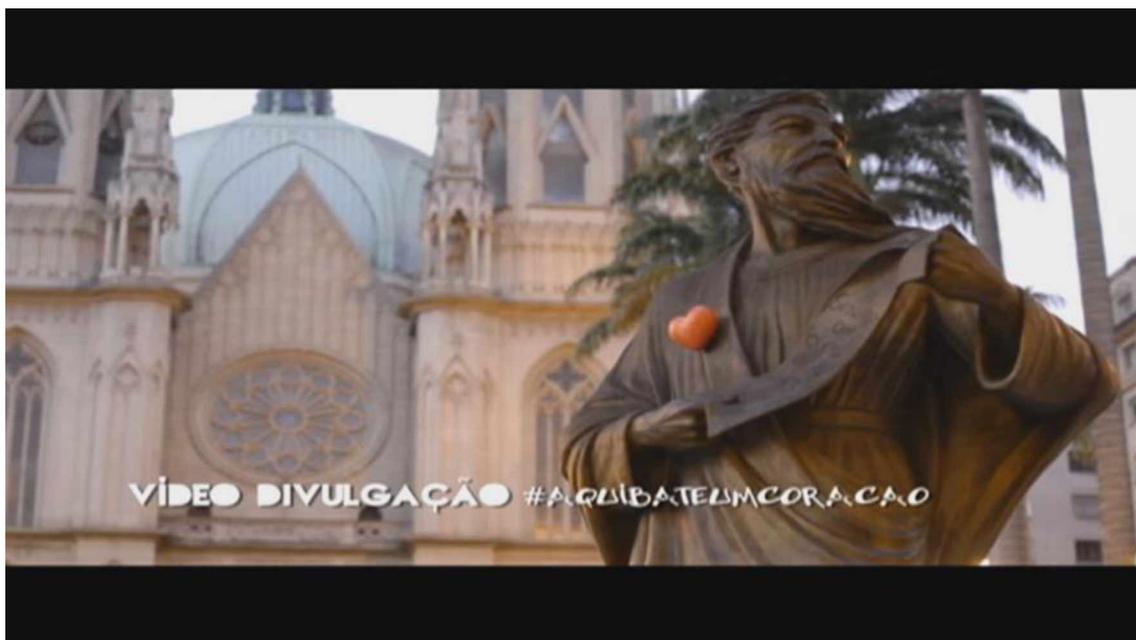


Figura 71: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 72: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 73: <https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54>



Figura 74: [Figura https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54](https://www.youtube.com/watch?v=cAlmiqa1F54)

ANEXO III

PLANO DE UNIDADE

OBJETIVO:

Introduzir aos alunos através de recursos didáticos o tema “pluralidade cultural” de modo que desenvolvam embasamento teórico através de aulas expositivas explorando todas as ferramentas possíveis como eixo de aprendizagem ligado ao tema em questão propiciando aos mesmos a construção do senso crítico para a realização de uma intervenção artística dentro da escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Introduzir o entendimento e conhecimento explorando conceitos sobre pluralidade cultural
- Realizar debates sobre racismo e diferentes formas de discriminação e preconceito
- Promover dinâmica abordando a diversidade
- Propiciar apresentação e análise coletiva de desenhos produzidos a partir da dinâmica
- Provocar estímulos através de ferramentas multimídia
- Conhecer os variados tipos de manifestações artísticas urbanas
- Buscar e registrar intervenções artísticas existentes dentro da escola
- Explicitar as possibilidades que permeiam as intervenções artísticas e explorar meios de produzi-las.
- Definir ideias para que se chegue ao eixo da intervenção
- Explorar diferentes técnicas artísticas e produzir materiais.
- Determinar procedimentos para a realização da intervenção
- Executar a intervenção

PROCEDIMENTOS:

O processo se efetivará a partir de todos os objetivos descritos acima, de forma que se chegue aos possíveis achados através das escolhas dos alunos que serão embasadas a partir dos referenciais oferecidos pelo educador.